

# COMERCIAR COM TODOS OS PAISES SOCIALISTAS IMPERATIVO DO MOMENTO QUE VIVEMOS

## VOZ OPERÁRIA

PREÇO  
do Exemplar  
**3** 00

REPORTAGEM  
DE FRAGMON CARLOS BORGES  
NA PÁGINA  
CENTRAL

Nº 448 ☆ Rio de Janeiro, 4 de Janeiro de 1958 ☆

### RESOLUÇÃO DO COMITÊ CENTRAL A RESPEITO DA DECLARAÇÃO DA CONFERÊNCIA DOS REPRESENTANTES DOS PARTIDOS COMUNISTAS E OPERÁRIOS DOS PAISES SOCIALISTAS

**A** O ENSEJO das comemorações do 40º aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro, reuniram-se em Moscou os representantes dos Partidos Comunistas e Operários dos países socialistas, os quais, após consultas feitas aos representantes dos partidos irmãos dos países capitalistas, tornaram pública uma Declaração cujo texto integral foi difundido pela imprensa.

O COMITÊ CENTRAL do Partido Comunista do Brasil manifesta o seu apoio às conclusões a que chegaram os representantes dos partidos irmãos dos países socialistas e declara concordar inteiramente com os termos da referida Declaração, documento da maior importância, que define com clareza e precisão as posições de princípio da classe operária no momento que atravessamos.

O COMITÊ CENTRAL recomenda a todos os militantes e organizações partidárias o estudo e discussão da referida Declaração. Insistindo na necessidade de voltar o nosso Partido para as massas e de intensificar em nossas fileiras a luta contra o sectarismo, contra todas as manifestações do dogmatismo e do revisionismo, confia o Comitê Central que o estudo de tão importante documento político contribua para maior coesão das forças do Partido e o reforçamento ideológico de suas fileiras.

O COMITÊ CENTRAL DO P. C. B.  
Dezembro de 1957

NOTA DA REDAÇÃO — A Declaração da Conferência dos representantes dos Partidos Comunistas e Operários dos países socialistas foi publicada em VOZ OPERÁRIA, nº 443, de 30 de novembro último.

### NESTE NÚMERO

- Ao governo cabe avançar no mesmo rumo do povo — Editorial.
- Saudação do Comitê Central do PCB a Luiz Carlos Prestes.
- O encontro de Prestes com o Partido — Artigo de Astrojildo Pereira.
- As realizações da Câmara e as possibilidades de 1958 — Artigo de Paulo Motta Lima.
- A situação da luta ideológica no Partido — Informe de W. Gomulka.
- O essencial é pôr fim à guerra na Argélia — Entrevista de Maurice Thorez.
- Os homens que criaram o «Sputnik» — Dados biográficos.



# GRANDES VITÓRIAS DO SOCIALISMO E DA CAUSA DA PAZ

**O BALANÇO INTERNACIONAL DE 1957 MOSTRA UM SÉRIO RECÚO DO IMPERIALISMO EM TODAS AS FRENTE — O FATO MAIS NEGATIVO: PROSEGUE A CORRIDA ARMAMENTISTA — MANTENDO-SE ATIVOS E VIGILANTES, OS POVOS PODEM IMPEDIR A ECLOSÃO DE UMA NOVA GUERRA**

Ao chegarmos ao fim de 1957, podemos afirmar que esse foi um ano favorável às forças da paz e do socialismo, apesar dos esforços pertinazes do imperialismo para recuperar o terreno perdido.

Os principais acontecimentos de 1957, isto é, aqueles que irão influir mais decisivamente para a consolidação dessa tendência positiva da evolução da situação internacional, estiveram ligados às comemorações do quadragésimo aniversário da Revolução de Outubro; foram eles o lançamento dos dois "sputniks", esplêndida afirmação do adiantamento científico e técnico da União Soviética e o reforçamento da unidade do movimento comunista internacional e do campo do socialismo, expresso nos dois documentos resultantes dos encontros realizados pelos partidos comunistas em Moscou — a «Declaração da Conferência de Representantes dos Partidos Comunistas e Operários dos Países Socialistas» e o «Manifesto pela Paz».

Durante o ano de 1957 foram grandes os êxitos dos países socialistas, com a União Soviética à sua frente. Por outro lado, intensificou-se ainda mais o processo de desagregação do sistema colonial do imperialismo, e fracassaram as tentativas de provocar um retrocesso no Oriente Médio e na Indonésia.

O fato mais negativo do ano foi no entanto a continuação e intensificação da corrida armamentista, com a ausência de qualquer acordo, ainda que parcial, que representasse um primeiro passo no caminho do desarmamento, e a recusa das potências ocidentais em aceitar a suspensão imediata das experiências experimentais de armas nucleares. Essa situação encerra graves perigos, apesar dos aspectos favoráveis acima enumerados, e que são sem dúvida dominantes. A tarefa das forças que lutam pela paz, longe de estar encerrada, redobra assim de importância.

«Os Partidos Comunistas», diz a declaração de Moscou, consideram a luta pela paz como a sua tarefa primordial. Nas condições atuais do mundo existe a possibilidade real de impedir a guerra e impôr a paz e a coexistência pacífica, e os acontecimentos de 1957 reforçam essa convicção. Para que essa possibilidade se transforme em realidade é preciso que as forças da paz se mantenham vigilantes e unidas, e desenvolvam atividade permanente, destruindo uma a uma as maquinacões do imperialismo e conquistando cada dia novas vitórias. Os fatos ocorridos em 1957 constituem rico manancial de experiências exatamente nesse terreno, e devem servir de estímulo e confiança para as forças da paz. Examinemos, num rápido retrospecto alguns desses fatos.

## Liquidados os últimos vestígios da agressão ao Egito e da ofensiva ideológica do imperialismo

O ano de 1957 iniciou-se ainda em meio a intensa ofensiva ideológica do imperialismo, com o objetivo de minar a unidade do campo socialista e do movimento co-

munista internacional. Utilizava-se o imperialismo em sua ofensiva de todo um sistema de mentiras e intrigas em torno não só do combate ao culto da personalidade na

União Soviética, como da fracassada tentativa de contrarrevolução, na Hungria. Foram desenvolvidos pelo imperialismo, nos dois últimos meses de 1956 e no início do ano corrente, todos os esforços de que era capaz, afim de isolar a União Soviética e de incompatibilizá-la com a opinião pública mundial. No entanto já em julho, por ocasião da realização em Moscou do Festival da Juventude, tornou-se absolutamente claro que haviam sido vão esses esforços. E, ao findar-se 1957, o prestígio da União Soviética e a simpatia dos povos pela grande pátria do socialismo cresceram de modo espectral, destruindo os últimos vestígios das sombrias provocações de um ano atrás.

Também desapareceram completamente, e isso logo nos primeiros meses do ano, os vestígios da agressão imperialista ao Egito. A 1 de janeiro era definitivamente anulado pelo governo do Cairo o tratado anglo-egípcio de 1954, firmando-se ao mesmo tempo com a ONU um acordo para a desobstrução do canal de Suez. A consequência mais rumorosa do fracasso da agressão anglo-franco-israelense foi a renúncia de Eden, também nos primeiros dias de janeiro. Em março o governo de Israel decidiu restituir ao Egito o último território que ainda ocupava (Gaza), e o governo da Síria, em consequência, autorizava a reparação dos oleodutos que atravessam o seu território. A 8 de março era o Canal de Suez reaberto à navegação, sem a menor concessão aos imperialistas e com a plena e absoluta afirmação da soberania egípcia. Foi essa uma dura lição para o imperialismo. Com a derrota da agressão ao Egito ficou demonstrado, concretamente, que as forças da paz já são suficientemente poderosas para fazer cessar, no seu nascedouro, uma guerra já iniciada

## Fracassa a «doutrina Eisenhower» para o Oriente Médio

O imperialismo não tardou no entanto em organizar novos planos para impedir que continuassem os êxitos dos povos árabes em sua luta pela independência nacional. Foi assim que surgiu, em março, logo após a visita do vice-presidente Nixon à África, a «doutrina Eisenhower» para o Oriente Médio. Consistia essa doutrina em que a retirada (ou melhor, expulsão) dos imperialistas ingleses e franceses do Oriente Médio criava naquela região um «vácuo» que deveria ser imediatamente preenchido «afim de que os países árabes não caíssem sob o domínio do comunismo internacional», como explicou, na ocasião, o presidente dos Estados Unidos. Foram concedidos a Eisenhower plenos poderes para utilizar as forças armadas norte-americanas em toda a região do Oriente Próximo e Médio, sem que isso dependesse de autorizações prévias do Congresso; e uma verba de 200 milhões de dólares foi votada, como «auxílio para o fortalecimento econômico» contra a subversão comunista». A 23 de março, na Conferência das Bermudas, entre Eisenhower e Mac Millan, concordaram os Estados Unidos em entrar para o pacto de Bagdad, constituído pela Inglaterra, Turquia, Irã e Paquistão.

O Líbano aceitou, ao lado de Israel, a doutrina Eisenhower, mas o Egito, a Síria e a República do Sudão a rejeitaram expressamente. A Jordânia foi na realidade o único «êxito» da doutrina,

## BENVINDO O «VANGUARD»



Enquanto aguardam o satélite artificial norte-americano, os dois «sputniks» soviéticos bocejam de tédio. O tempo passa e o «colega» yanque não sai dos cueiros.

através de um golpe de Estado que contou com a cumplicidade do rei Hussein e que foi apoiado por manobras provocativas da «esquadra do Mediterrâneo» dos Estados Unidos e por um desembarque de fuzileiros navais norte-americanos no Líbano.

Passaram então os imperialistas norte-americanos a concentrar seus esforços sobre a Síria. Primeiramente tentaram um golpe de Estado, que fracassou, ficando desmascaradas, perante a opinião pública mundial, as atividades de altos funcionários da embaixada dos Estados Unidos.

ria e do Líbano. Estimulados (exempli) da Síria e do Egito, os demais povos árabes elevam a um novo nível sua luta pelo progresso e pela independência nacional. O fracasso da doutrina Eisenhower foi outra dura lição para os imperialistas norte-americanos, que agora utilizam esforços para envolver os governos de alguns países do norte da África, como Marrocos e Tunísia, afim de se substituírem ao «vácuo» deixado pelos imperialistas franceses, e de se apossarem do petróleo da Saara.

## O povo da Indonésia consolida sua independência

Durante todo o ano de 1957 tentaram os imperialistas holandeses e norte-americanos, auxiliados por elementos reacionários internos, promover um golpe de Estado contra o presidente Sukarno, na Indonésia. Por dezenas de vezes conseguiram organizar focos subversivos e a é mesmo «governos» locais rebeldes, e por duas vezes promoveram ataques terroristas contra a vida de Sukarno. A reunião da SEATO, no início do ano, presidida por Foster Dulles, teve como principal objetivo reconquistar a Indonésia para o campo imperialista, através de intrigas e provocações. A

(CONCLUI NA 11ª PÁGINA)

## Crônica Internacional

## A Conferência Afro-Asiática E as Propostas Soviéticas

Ordinária importância a Conferência de Solidariedade Afro-asiática, realizada no Cairo, com a participação de delegações de 45 países. Apesar de não ser uma conferência intergovernamental, como foi a histórica Conferência de Bandung, e como será a Conferência das Nações Africanas, a reunir-se em breve no Estado do Ghana, a assembleia do Cairo teve caráter quase oficial. A composição das delegações, das quais participaram personalidades eminentes como a sra. Kameshwari Nehru, e o apoio aberto dado pelos governos da maioria das nações afro-asiáticas, asseguraram à Conferência esse caráter, e a transformação numa espécie de reunião preparatória de uma nova Bandung intergovernamental.

O movimento denominado «de solidariedade afro-asiática» foi iniciado há mais de dois anos com a criação dos «comitês de solidariedade afro-asiática» da Índia, do Japão e da República Popular da China. Foi importante para o êxito dessa iniciativa a participação ativa de personalidades e organizações ligadas ao Movimento Mundial da Paz, como de vários dirigentes do comitê da paz da Índia e do movimento japonês contra as bombas A e H. A intensa repercussão que está tendo a Conferência do Cairo, inclusive no noticiário das agências telegráficas internacionais, demonstra a amplitude rapidamente atingida pelo movimento de solidariedade afro-asiática.

As resoluções finais da Conferência estão assim destinadas a exercer influência positiva na evolução da situação internacional. A manutenção de bases e tropas em território estrangeiro, bem como a estocagem de armas nucleares, foram objeto de severa condenação, o que constitui a resposta dos povos da Ásia e da África às mais recentes maquinacões do imperialismo, por ocasião da reunião da OTAN. A Conferência veio reforçar ainda mais a campanha mundial pela cessação das experiências experimentais de armas nucleares e pelo desarmamento. Ao lado disso, os temas ligados à luta anticolonialista e pela consolidação da independência econômica e política das nações cha-

madas «subdesenvolvidas» estão constituindo, como é natural, o centro dos debates.

Os círculos ligados ao imperialismo estão alarmados com a acolhida entusiástica dada à intervenção da delegação da União Soviética a 28 do corrente. Falando em nome de seu país, o chefe da delegação, o marxista Rachidov Charaf Rachidovich, ofereceu a todos os países representados na Conferência o auxílio econômico e técnico da União Soviética, inteiramente desligado de quaisquer condições políticas. «Dize-nos quais as vossas necessidades e estaremos prontos a dar qualquer assistência, seja por intermédio de créditos, auxílio técnico ou qualquer outro meio. O nosso único limite é o das possibilidades econômicas da União Soviética». «Não procuramos vantagem alguma. Não queremos lucros, nem privilégios, nem participação na administração, nem concessões, nem matérias-primas. Não vos pedimos que participeis de bloco algum, que mudéis o vosso governo ou modifiqueis vossa política interna ou externa». «Vimos auxiliar-vos como um irmão auxílio outro irmão, sem interesse algum. Sabemos pela própria experiência como é difícil sair da pobreza».

O delegado soviético recordou que a União Soviética conseguira, no período de quarenta anos, aumentar trinta vezes a sua capacidade de produção. «Hoje», continuou Rachidov Charaf, «as nações da África e da Ásia estão em posição muito melhor do que a posição em que a União Soviética se encontrava há quarenta anos». «Os países capitalistas altamente desenvolvidos não têm mais, agora, nem o monopólio do equipamento, nem o das máquinas, do crédito ou o da experiência científica e técnica».

Telegramas das agências de notícias ocidentais testemunham que o êxito da intervenção do delegado soviético foi tão grande que, na opinião de todos os observadores, dificilmente pode ser esquecido.

Encerra-se assim o ano de 1957 com mais uma vitória das forças progressistas de todo o mundo em sua luta pela paz e pela independência nacional de todos os povos.

# Ao Governo Cabe Avançar No Mesmo Rumo do Povo

Ao iniciar-se o ano de 1958, o povo brasileiro tem a convicção de que pôde realizar, no período de governo Kubitschek, alguns importantes avanços no sentido da emancipação nacional e da democracia. Esses mesmos avanços exigem, porém, a tarefa de não cessar de avançar, de não consentir na estagnação ou no retrocesso. Muitos problemas agudos, de caráter imediato, não foram resolvidos. A necessidade de sua solução suscita dificuldades, que urge superar com audácia. O povo brasileiro espera com aqueles governantes que souberam enfrentar essas dificuldades e lutar contra elas vitoriosamente.

Em que sentido quer marchar o nosso povo?

Os brasileiros das mais variadas classes e camadas sociais unem-se na aspiração de tornar a nossa Pátria economicamente poderosa e independente. Temos dado alguns passos nesse sentido, mas é uma exigência nacional que outros passos sejam dados e que toda a política governamental seja posta a serviço daquela aspiração.

O governo do sr. Juscelino Kubitschek vem sendo apolado pelas correntes nacionalistas na orientação que segue no terreno do petróleo, da siderurgia, dos minerais atômicos e de outros ramos básicos. Mas ainda nesse terreno, a atuação do governo não tem sido sem vacilações, que algumas vezes vão a concessões injustificáveis diante do imperialismo norte-americano. Disto é exemplo recentíssimo a renovação do convênio com os Estados Unidos para pesquisa por técnicos brasileiros de minerais atômicos em solo brasileiro. Capitulação clamorosa, que suscitou vigoroso movimento de repúdio, foi também o convênio para aquisição de excedentes de trigo norte-americano.

Vincula-se estreitamente à aspiração de independência econômica a reivindicação de normalização das relações do Brasil com os países socialistas. É esta uma das questões mais agudas e em função dela se agravam as divergências nas próprias esferas governamentais. Os pronunciamentos do presidente da República por motivo do Ano Novo indicam que aquelas divergências ainda não puderam ser resolvidas num sentido positivo. O problema, pois, continua com toda a sua urgência e caberá ao sr. Kubitschek dar menos

ouvidos aos elementos reacionários e apolar-se com decisão nos amplísimos círculos, que já se pronunciaram a favor das relações iguais com a União Soviética e os outros países socialistas.

O presidente da República se manifestou, nos seus últimos pronunciamentos pela defesa da paz mundial. O Brasil não pode ter qualquer interesse na eclosão de conflitos armados. Daí o repúdio nacional ao ajuste de Fernando de Noronha, os protestos contra a pretendida adesão à OTAN e a oposição generalizada aos compromissos com blocos militares. Os governantes vêm falando muito ultimamente em que o Brasil precisa se afirmar no plano internacional em correspondência com o seu potencial econômico, demográfico e territorial. A nação espera que a estas palavras se sigam atos efetivos de rompimento com a submissão tradicional e humilhante aos círculos dirigentes dos Estados Unidos.

A política nacional de desenvolvimento econômico, de independência e de defesa da paz deve se alicerçar numa política popular de contenção e sucessiva redução do custo da vida. Qualquer governo que não o levar em conta arrisca-se a perder a sua base nas massas e facilitar o seu isolamento. A luta contra a carestia da vida tem chamado o proletariado e as camadas médias à defesa enérgica dos salários e vencimentos. Um governo popular só poderá ser aquele que fizer uma política de desenvolvimento econômico sem sacrificar as massas, porém em benefício delas.

O discurso de Ano Novo e as entrevistas do sr. Juscelino Kubitschek refletem a atuação de forças nacionalistas dentro do governo, que têm o seu apoio num amplo movimento nacionalista no seio do Parlamento e da opinião pública. Mas a posição do presidente da República ainda é a de quem cede, em pontos decisivos, aos setores reacionários e pró-imperialistas, detendo o avanço ou retrocedendo, sem confiar na força do movimento nacionalista.

Quanto ao povo brasileiro, é difícil alguém iludir-se de que ele será cada vez mais nacionalista e democrático. Os governos, que não quiseram divorciar-se do povo, terão que acompanhá-lo neste rumo.

# Saudação a LUIZ CARLOS PRESTES

Ao Camarada Luiz Carlos Prestes: Ao ensejo do teu 60º aniversário, o Comitê Central do P.C.B. encia-te esta afetuosa saudação, que está certo de expressar os sentimentos de todo o Partido.

Sessenta anos de tua vida são um patrimônio da História de nosso povo. O teu patriotismo e tua firmeza revolucionária revelaram-se nas marchas da Coluna Prestes, no combate ao fascismo, nas jornadas da Aliança Nacional-Libertadora, na heróica insurreição de 1935 e nos dias negros da prisão.

Tendo caminhado ao encontro da classe operária e ingressado no nosso Partido, surgiste, em 1945, depois de libertado do cárcere pelo movimento de massas culminado na anistia, como o chefe prestigioso dos comunistas brasileiros. Eleito Senador da República pelo povo carioca, marcaste a tua atuação no Parlamento como verdadeiro defensor dos interesses vitais de nosso povo. Arbitráriamente privado do teu mandato, foste mais uma vez compelido a viver na clandestinidade. Mas o povo brasileiro, que te estima e admira, quer vê-te restituído ao seu convívio participando abertamente da vida política.

Tua posição firme de patriota consequente e de internacionalista proletário nos incentiva no caminho da luta pela libertação do nosso povo do jugo do imperialismo norte-americano, no caminho da amizade com todos os povos e da solidariedade ativa com os países socialistas, em particular com a União Soviética, centro do movimento comunista e operário internacional.

Colaborando na luta para fazer do nosso Partido uma organização estreitamente vinculada às amplas massas, livre do dogmatismo e do sectarismo, que tanto o prejudicavam, bem como das manifestações de revisionismo, tens contribuído para nossa maior coesão e o fortalecimento ideológico de nossas fileiras.

No transcurso do teu 60º aniversário, desejamos-te felicidades e fazemos votos para que por muitos anos possas desempenhar o teu papel à frente das lutas do povo brasileiro.

Rio de Janeiro, 3 de janeiro de 1958

O Comitê Central do Partido Comunista do Brasil.

# Comentário Político

## COINCIDÊNCIA DE INTERESSES ANTI-DEMOCRÁTICOS NA PRORROGAÇÃO DE MANDATOS

A manobra pela prorrogação de mandatos vem provocando justa repulsa no seio da opinião pública e nos setores democráticos da vida política. Avolumam-se as manifestações contrárias àquela medida por parte de personalidades responsáveis, inclusive do próprio presidente da República, de entidades estudantis — como a União Estadual de Estudantes de São Paulo — e de outras organizações.

A emenda constitucional do

deputado Esmerino Arruda, visando à prorrogação de mandatos; aparentemente é apenas o resultado de ambições parciais. O que importa, porém, é que, vingando a manobra, o processo de democratização, em curso no país sofrerá um perigoso recuo. A confiança popular no Parlamento não poderá deixar de sofrer e os partidários de soluções ditatoriais reacionárias encontrarão novos argumentos para a sua agitação antidemocrática.

A relativa estabilização da legalidade constitucional já atingida se verá novamente ameaçada. Não resta dúvida que é preciso evitar um ato, que pode trazer consequências tão negativas.

A manobra do deputado Esmerino Arruda, se vitoriosa, implicaria em adiamento para 1960 das eleições previstas para 1958. É compreensível que isto só poderá significar um atraso para o movimento nacionalista que, segundo os cálculos mais insuspeitos, tem condições favoráveis para alcançar brilhante vitórias em eleições marcadas para este ano. Desta pode surgir um Parlamento em que os nacionalistas tenham posições ainda mais fortes e influentes. Percebe-se então, que, atrás do carreirismo do deputado Arruda, se enfileiram os interesses entreguistas, preocupados em conservar o que possuem — que ainda é muito — e impedir o prosseguimento do avanço nacionalista.

Não há condições favoráveis atualmente para tão destacada manobra antidemocrática, esta da prorrogação de mandatos. Isto, entretanto, não deve conduzir-nos a abandonar a vigilância. É necessário fazer sentir a todos os setores que a prorrogação de mandatos será inadmissível estorbo da soberania popular inalienável atentado às liberdades democráticas.

## UMA BRECHA NA POLÍTICA ATÔMICA NACIONALISTA

Em dias da semana passada foi assinado em Washington, pelo embaixador Ernani do Amaral Peixoto, um convênio entre o Brasil e os Estados Unidos sobre a pesquisa das reservas uraníferas de nosso país, por técnicos e especialistas norte-americanos, prorrogando assim acordo idêntico assinado em agosto de 1955.

Com essa prorrogação, o território brasileiro continuará a ser esquadrihado por técnicos e especialistas dos Estados Unidos, os quais poderão organizar mapas detalhados e precisos de nosso país, localizarão todas as nossas jazidas de urânio e de outros minerais de excepcional importância estratégica, e, como já o fizeram durante o Estado Novo, não revelarão a sua existência e localização na esperança de um dia delas se apossarem.

Esses técnicos norte-americanos, como estabelecem os termos do convênio ora prorrogado, gozarão de direitos e privilégios especiais, nunca concedidos a especialistas de qualquer outro país, entre os quais o de serem considerados como parte do corpo diplomático dos Estados Unidos. Desta forma, não estão sujeitos às leis brasileiras, podendo praticar crimes, de qualquer natureza, desde o assassinato à espionagem, sem que possam ser processados e julgados por juizes ou tribunais brasileiros. Só ao governo dos Estados Unidos, a serviço de quem realmente se encontram, eles devem satisfação por seus atos.

Não resta dúvida de que aquele convênio, além de ferir profundamente os interesses da segurança nacional, choca-se com o sentimento patriótico de nosso povo.

É indiscutível, que o Brasil, para apressar o seu desenvolvimento; necessita da colaboração da técnica de outros países. Não somos, em princípio, contrários a essa colaboração. Os técnicos e especialistas estrangeiros, porém, ao virem trabalhar em nosso país devem se colocar inteiramente a serviço dos interesses de nossa pátria, e não dos países de origem como geralmente acontece com os «técnicos» norte-americanos.

Prorrogando aquele acordo, o governo do sr. Juscelino Kubitschek dá mais um passo atrás na política nacionalista esboçada com a denúncia dos acordos para a venda de minério de urânio aos Estados Unidos, recebida com gerais aplausos da opinião pública

brasileira. Já tendo merecido o repúdio das forças nacionalistas de todo o país em memorável campanha pela sua denúncia, aquele convênio não deveria ter sido prorrogado por ser lesivo aos interesses nacionais.

Colocando-se contra a corrente, fazendo concessões tão importantes aos imperialistas norte-americanos, o sr. Juscelino Kubitschek está levando água ao moinho dos entreguistas ainda infiltrados em seu governo, tornando-os mais fortes e mais afoitos em seus propósitos anti-nacionais.

## JORNALISTA DA DEMOCRACIA E DO SOCIALISMO



TRANSCORREU no dia 28 de dezembro último o 60º aniversário de Pedro Motta Lima, antigo militante comunista, jornalista de merecido prestígio no país e um dos dirigentes mais destacados da Associação Brasileira de Imprensa.

Pedro Motta Lima, desde muito jovem, colocou a sua pena vibrante e ágil a serviço das causas democráticas do povo brasileiro. Foi um propagandista corajoso dos movimentos tenentistas da década de 20, fundando jornais de esquerda e lutando contra a censura, que então garroteava a imprensa.

Ainda na década de 20, aproximou-se do movimento operário e se tornou membro do Partido Comunista do Brasil. A causa do proletariado passou a dedicar a sua atividade intensa de jornalista e escritor. Em 1935, foi um dos organizadores e diretor do célebre diário "A Manhã", órgão da Aliança Nacional Libertadora. Através daquele jornal, as idéias da luta contra o fascismo e pela libertação nacional se popularizaram em todo o país.

Derrotado o Estado Novo, Pedro Motta Lima surgiu à frente da "Tribuna Popular" e depois da "Imprensa Popular", colaborando ainda na VOZ OPERÁRIA e em outros jornais populares.

Jornalista vinculado às causas mais avançadas do povo brasileiro, propagandista da emancipação nacional, da democracia e do socialismo, provado nas perseguições policiais, nos cárceres e no exílio, Pedro Motta Lima tem sido um exemplo de intelectual honesto, desinteressado e combativo. Daí o respeito com que se impôs mesmo aos círculos dos adversários das idéias de que tem sido porta-voz.

Ao ensejo do seu 60º aniversário, recebeu justa homenagem, às quais nos juntamos, fazendo votos para que Pedro Motta Lima ainda possa durante longos anos servir ao seu povo.

MENSAGEM DE PRESTES AO JORNALISTA

Luiz Carlos Prestes enviou a Pedro Motta Lima a seguinte mensagem:

"A Pedro Motta Lima — Reciba deste seu velho amigo e admirador um afetuoso abraço de felicitações. Auguro-lhe longos anos de vida em sua constante, nobre e admirada atividade jornalística. Estas palavras — estou certo — traduzem igualmente o desejo de toda a nossa grande família comunista que sabe avaliar a dedicação e o espírito de sacrifício de jornalista como você. — Do camarada e amigo, LUIZ CARLOS PRESTES."

# O ENCONTRO DE PRESTES COM O PARTIDO

NO RELATO, já publicado (ver *Imprensa Popular* de 25-12-57), do encontro de Prestes com o representante do P. C. B., em dezembro de 1927, referi-me aos antecedentes políticos que levaram o C. C. do Partido a enviar o seu secretário a avistar-se com o comandante da Coluna Invicta, que se exilara na Bolívia. O assunto é importante e merece algum desenvolvimento.

Sabe-se que o Partido, fundado em fins de março de 1922, teve que mergulhar na ilegalidade logo depois, por força do estado de sítio decretado em consequência do levante do forte de Copacabana, em 5 de Julho de 1922. E como o estado de sítio, de prorrogação em prorrogação, prolongou-se até 31 de dezembro de 1926, também em estado de ilegalidade permaneceu o Partido durante o mesmo período de tempo. (1)

É fácil compreender o que isto significava de dificuldades para o Partido de então, pequeno agrupamento de vanguarda sem nenhuma experiência como Partido. Não fôra a sua ligação com o movimento sindical — o Partido de fato nasceu dentro dos sindicatos operários — e esta vanguarda teria talvez sofrido co-

## Astrojildo PEREIRA

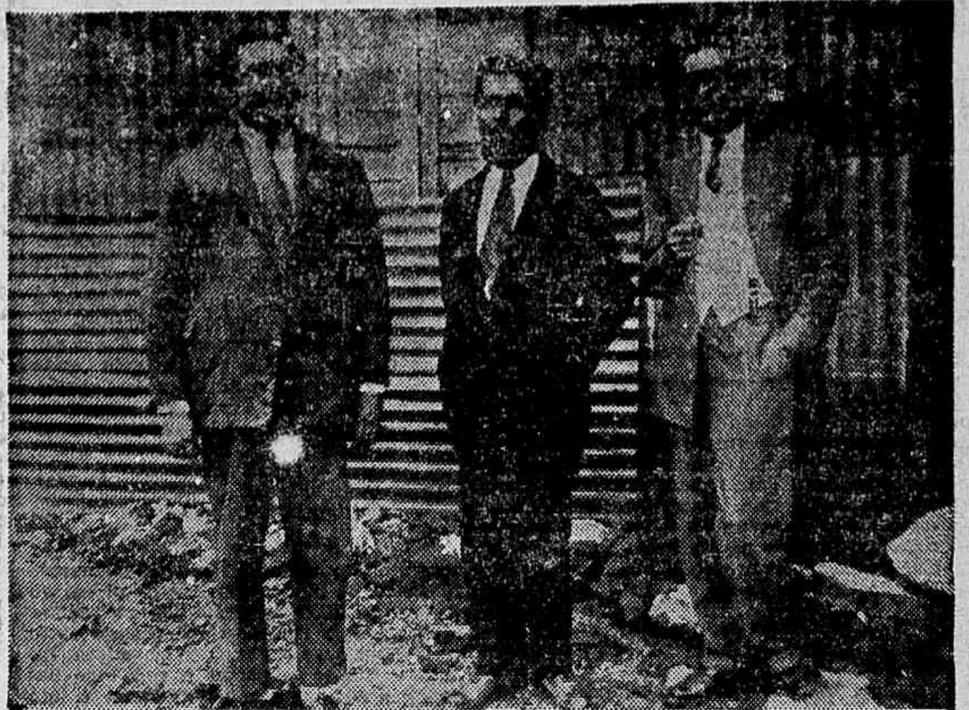
mo tal, isto é, como Partido independente da classe operária. Aliás, esta última circunstância, que em grande parte contribuiu para a sobrevivência do Partido redundava, por outro lado, em sério entrave ao seu desenvolvimento e à sua ligação com as massas — entrave esse que decorria principalmente do sectarismo e do radicalismo «obreirista» de origem anarco-sindicalista, predominantes no movimento sindical e, por essa via, predominantes também na direção e nas fileiras do Partido. Um dia teremos de aprofundar o exame das condições em que se formou e desenvolveu o Partido, nesse período, e então veremos que a débil e inexperiente vanguarda viveu um verdadeiro drama, tendo de enfrentar tarefas por demais pesadas para as suas forças, e que eram tarefas colocadas sobre os seus ombros por fatores políticos inelutáveis, resultantes de uma situação que se caracterizava por crescente fermentação revolucionária.

O Partido cresceu, sem dúvida, de 1922 a 1926. Dirigiu e orientou não poucas lutas

operárias. Realizou o seu II Congresso em 1925. Criou a Juventude Comunista. Criou o semanário *A Classe Operária*, jornal de massas de considerável repercussão e que viria a ter uma gloriosa história. Fez agitação e propagação das idéias comunistas. Divulgou fatos e documentos do movimento comunista internacional, especialmente da União Soviética. Mas ao cabo de tantos anos e tantos esforços continuava a ser, na realidade, um pequeno agrupamento de militantes revolucionários, orgânicamente débeis e mais débeis ainda teoricamente, com suas concepções sectárias dominando tudo, sem capacidade de se ligar às grandes massas e tirar proveito de condições objectivas por muitos aspectos extremamente favoráveis.

Semelhante sectarismo levou às malogradas campanhas de 1927. Relembremos os fatos de então.

O governo Washington L.I.S., empossado a 15 de novembro de 1926, deixou que o estado de sítio se extinguísse a 31 de dezembro, sem mais



Luiz Carlos Prestes entre dois amigos, quando de sua estadia em La Gaiba, Bolívia, após o internamento da Coluna naquele país vizinho.

## ACÓRDO CIENTÍFICO SINO-SOVIÉTICO



Realizou-se em Moscou um encontro entre delegações das Academias de Ciências da URSS e da República Popular da China. O encontro se concluiu com a assinatura de um acordo de cooperação científica. A foto mostra o cientista A. N. Nesmeyanov, presidente da Academia de Ciências da URSS, palestrando com o sábio Kuo-Mojo, presidente da Academia Chinesa de Ciências. (foto TASS).

Ao entrarmos em 1958, como devemos apreciar a atividade da Câmara por toda esta legislatura? Somos de parecer que os deputados alcançaram saldo positivo em seu trabalho. De ano para ano, a Câmara atual melhorou sua atuação, refletindo assim os êxitos do movimento democrático, brasileiro e internacional.

Foi na Câmara que se processaram os choques mais violentos da crise cujo desfecho se deu a 11 e 21 de novembro de 1955, com a vitória sobre o golpismo. Câmara e Senado, naquela emergência, entrosaram-se com o movimento levado avante pelos setores democráticos das forças armadas. Mas se olharmos para a atividade legislativa específica, também encontraremos fatos positivos, como a prorrogação da lei do inquilinato, a prorrogação da vigência da lei que criou a COPAP e a reforma tarifária. Devido à deficiência de funcionamento dos partidos e das lideranças, não puderam ser concluídos este ano projetos referentes à extensão da legislação trabalhista ao campo, à aposentadoria e outros. Entretanto o trabalho das comissões sobre atividades da Ess e da Shell e sobre o petróleo vem sendo notável. Quanto aos minerais estratégicos, em março será apresentado o relatório ao plenário. No caso de Fernando de Noronha, o governo resolveu sem consultas a Câmara e esta não teve forças para reagir contra o humilhante acordo.

Fato auspicioso, na vida parlamentar dos últimos meses, foi sem dúvida a constituição da Frente Parlamentar Nacionalista. Até há bem pouco tempo, na história do legislativo brasileiro, sempre se destacaram vozes isoladas em defesa de aspirações populares mais sentidas. Esta foi a regra durante decênios, pois a existência de uma bancada co-

## As Realizações da Câmara E as Possibilidades de 1958

Paulo MOTTA LIMA

munistas, infelizmente, constituiu exceção e os mandatos dos representantes do PCB foram clamorosamente cassados, sob pressão imperialista. Em regra, realmente, destacavam-se, no Parlamento brasileiro, elementos isolados, que se transformavam em portavozes de aspirações populares. Refletiam em plenário movimentos de rua. Às vésperas do golpe estacionista constituiu-se na Câmara e no Senado um grupo de elementos que pugnavam pela defesa da economia nacional, como no caso da discussão do Código de Águas. Ao mesmo tempo esses deputados e senadores tomavam posição em defesa das liberdades democráticas. Antes do fechamento do Congresso, foram alguns violentamente despojados de suas imunidades e entregues à polícia. Estávamos numa época em que o fascismo parecia a muitos marchar vitoriosamente em todo o mundo.

Como bloco organizado, atuando sob um programa de defesa da economia e da soberania brasileiras, a Frente Parlamentar Nacionalista constitui, sem dúvida, uma novi-

dação, e assim o ano de 1927 começou sem aquela inércia de exceção. O Partido, depois de quase 5 anos de vida legal e semi-legal, emergia, por sua vez, para a luz do dia. Muita coisa haveria a fazer sobre as condições em que isso se verificou e como pôde o Partido integrar-se na nova situação. Basta dizer, porém para o caso que nos interessa aqui, que os meses de janeiro a agosto de 1927 foram assinalados por sucessivos movimentos grevistas e por agitações populares de que participava ativamente a pequena vanguarda comunista. Dispúnhamos de um jornal diário de massas, o vespertino *A Nação*, dirigido por Leônidas de Rezende e em cuja redação trabalhavam três ou quatro membros do C. C. do Partido. Teve início a organização do Bloco Operário, primeiro passo para o Bloco Operário e Camponês. Tínhamos um deputado aliado no Parlamento.

Era alguma coisa. Mas a agitação sectária fazia crer que era muito mais. A reação manobrou para isolá-nos, e o

conseguiu. Com a aprovação pelo Parlamento de uma lei que visava diretamente ao Partido e ao movimento operário, mergulhamos os comunistas, de novo, na ilegalidade. A publicação do jornal foi suspensa, e o movimento operário amordaçado. Pecuamos em toda a linha, para as posições anteriores.

Nos meses que se seguiram, o CC. do Partido procedeu a rigoroso exame da situação criada, chegando por fim à conclusão de que a derrota sofrida se devia principalmente à orientação sectária do Partido. Levantavase, então, em toda a sua plenitude, o problema da ligação com as massas, tendo como centro a necessidade de aliados para a classe operária e de participação da classe operária no movimento revolucionário popular em marcha.

Em resumo: tais considerações levaram o CC. a buscar uma aproximação efetiva, em termos políticos, com a Coluna Prestes, que se havia internado na Bolívia justamente em fins de 1946 e cujo prestígio popular e revolucionário

mantinha-se intacto e mesmo crescente. Decidiu o C. C., por maioria de votos, enviar o secretário geral do Partido à presença de Prestes. Convia aqui observar que a minoria que votou contra (dois membros do C. C.), mantendo-se na velha posição ultra-sectária e obreirista, foi a mesma que pouco tempo depois abriu a primeira oposição organizada dentro do CC. e do Partido — oposição que só veio a ser liquidada no III Congresso do Partido, em janeiro de 1949.

O encontro com Prestes, conforme está já divulgado, realizou-se em dias da última semana de dezembro de 1927.

Ao recordar agora o episódio, 30 anos depois, eu disse, no relato publicado na *Imprensa Popular*, que levava na minha mala uma certa quantidade de livros de autores marxistas para entregá-los a Prestes. Entreguei-os dizendo-lhe que era nosso desejo que ele estudasse por si mesmo as doutrinas políticas pelas quais buscávamos orientar o Partido Comunista, inteirando-se assim, não só dos princípios (CONCLUI NA IIª PÁGINA)

também, como criminosos». Ai temos nada mais nada menos do que o macartismo coberto com uma camada de açúcar.

Mas, o que significa a existência de um tal analista de política internacional num movimento como a Frente Parlamentar? Significa, nada mais nada menos que a Frente é de fato uma frente, e não um agrupamento estreito, pré-fabricado. Sem compreender grande coisa a respeito da posição da União Soviética e dos Estados Unidos, esse deputado que tão cândidamente mete no mesmo saco evolução social e obscurantismo, pode apreciar de maneira razoável o problema do petróleo ou a questão de Caraguatuba.

Não temos, ainda hoje, uma representação comunista na Câmara e isto é decerto um fato negativo. Mas entramos praticamente em 1958, o ano eleitoral, o ano das campanhas já iniciadas em vários Estados. Será um ano de surpresas não apenas no campo das comunicações interplanetárias. E assim como alguns sábios salazaristas, através de espíadas nos aparelhos do Observatório da Ajuda e do Observatório da Universidade de Coimbra, acabaram reconhecendo que o Sputnik II existe e gira em torno da Terra, é bem possível que em determinados setores da política brasileira certas pessoas acabem por aceitar a existência no Brasil de um movimento comunista, que é força atuante e fator decisivo em nosso progresso.

O saldo favorável que se observa no trabalho do legislativo, leva-nos a crer na possibilidade de conquista de novos êxitos, por meio da atuação política, dentro dos quadros legais.

Mas é preciso que estejamos onde esteja o povo, trabalhando estreitamente com ele, com equilíbrio e sensatez.

# Situação da Luta Ideológica no Partido

N. E. Reproduzimos, a seguir, os trechos principais do informe apresentado pelo camarada Wladislaw Gomulka no X Pleno do Comitê Central do Partido Operário Unificado da Polônia, em outubro de 1957.

No IX pleno nós apresentamos a proposta de convocar o Congresso do partido em dezembro deste ano, pois éramos guiados pela convicção de que a situação no partido à época da abertura do congresso, melhoraria consideravelmente, como resultado das resoluções, aceitas pelo pleno, e que seria possível convocar um congresso de um partido unido. Infelizmente isso não aconteceu. Por isso nós propomos o adiamento do congresso. Apresentando essa proposta, temos em mente também outras causas, as quais serão expostas no informe.

O congresso do partido deve ser um acontecimento criador na vida do país. Os membros do partido, a classe operária, e todo o povo atribuem ao congresso uma grande importância. O congresso do partido pode cumprir a melhor maneira a sua tarefa, somente no caso, de todas as organizações partidárias liquidarem as bases do enfraquecimento atual do partido. Apesar das indicações e das resoluções do IX pleno, essas bases não foram até hoje liquidadas.

Perante o congresso do partido, se apresentam muitos problemas, que devem ser resolvidos. Para que o congresso esteja em condições de resolvê-los corretamente, ele deve ser o congresso de um partido, cujas organizações sejam capazes de realizar acertadamente as suas resoluções. Daí se tira a conclusão: é necessário modificar a situação no partido, e só na situação modificada realizar o congresso do partido.

## AS CAUSAS DA DISPERSÃO IDEOLÓGICA

A unidade de ação de nosso partido foi seriamente abalada, e como consequência disso, o partido não pode cumprir as suas funções de direção na construção do socialismo na Polônia de forma necessária. Há muito tempo, que já é preciso acabar com isso.

Qual é a causa disso? Quem e porque viola os princípios do socialismo democrático e, desse modo, priva o partido da sua fonte básica de força?

O enfraquecimento da unidade de ação do partido se origina antes de tudo da dispersão ideológica, que é observada no meio de uma parte considerável do ativo partidário em todos os graus. Essa dispersão foi introduzida no partido pelos revisionistas e liquidadores de todas as espécies no período, quando o partido, junto com todo o movimento internacional, eliminava os erros do passado, cometidos por ele mesmo, e criava a sua nova linha política.

## AS DOENÇAS QUE AFETAM O PARTIDO

Não há dúvida de que o dogmatismo e o sectarismo foi, e é a base propícia para o florescimento tempestuoso do revisionismo. Existiam em nossas fileiras, ou ainda existem companheiros, que acham no fundo da alma, que os revisionistas servem à causa da liquidação do dogmatismo. Tal ponto de vista é radicalmente falso e errado. A gripe, até com os mais graves sintomas, não se cura com a tuberculose. O dogmatismo não se cura com o revisionismo. A tuberculose revisionista só pode fortalecer a gripe dogmática. Se o nosso partido repudiou o dogmatismo e o sectarismo, não há nisso nenhum mérito dos revisionistas. O partido fez isso com o seu próprio cérebro marxista-leninista. O revisionismo, por sua vez, que floresceu sobre o terreno do dogmatismo, não só não o ameaça, mas representa por si mesmo uma base favorável para o cultivo do dogmatismo. A correlação de forças no nosso partido mostra claramente, que a luta ativa contra o revisionismo facilita imensamente a superação do dogmatismo.

## A PRINCIPAL FONTE DE FRAQUEZA

Lutando para curar o partido de ambas as doenças, é necessário golpear antes de mais nada a principal fonte de sua fraqueza — o revisionismo e o liquidacionismo. Não é possível tolerar mais a desagregação ideológica dentro do partido. Em situação alguma, pode o partido ficar na expectativa e suportar as ações de seus membros, que contradizem ou não correspondem às resoluções e posições das instâncias partidárias superiores.

O Comitê Central deve dar a todas as instâncias partidárias uma diretiva precisa sobre a exoneração de tais membros dos cargos de responsabilidade e, em caso de necessidade, sobre a sua exclusão das fileiras do partido.

## DUAS ALAS INIMIGAS

Efetivamente, atuam dentro do partido duas alas, que, de modo mais ou menos claro, se opõem à linha do partido e sabotam as resoluções das principais instâncias partidárias. É verdade que nenhuma dessas alas tomou a forma organizativa de fração, mas este fato de modo algum influiu no grau do mal que elas causam ao partido, promovendo uma atividade grupista em diferentes formas. Eu diria mesmo que é mais fácil ajustar as contas com frações, que de modo aberto apresentam o seu programa de atividade, do que com agrupamentos não formais, que frequentemente tentam esconder-se atrás da linha do partido, e, ao mesmo tempo, realizam a sua própria política. Esse estado de coisas traz às fileiras partidárias a desorientação e a perplexidade, dando origem a toda uma cadeia de consequências negativas.

Os revisionistas confessam, que a sua atividade é contrária às resoluções dos VIII e IX plenos. Eles nem tentam referir-se a essas resoluções, pois não encontram nas mesmas justificativa alguma para a sua atividade. Por isso, tentam mascarar a sua atividade nociva sob a cortina de Outubro. «Outubro está em perigo», «O partido se desvia de Outubro», «Vamos defender o Outubro polones» — essas são as palavras de ordem dos homens que se desviaram da linha do partido, ou que nunca a reconheceram. Na concepção do partido, Outubro significa a mesma coisa, que as resoluções do VIII pleno. Na interpretação dos revisionistas o VIII pleno e Outubro — são duas noções diferentes. Sob o lema hipócrita de defesa de Outubro, os revisionistas deturpam e atacam as resoluções do VII pleno. Para eles Outubro significa a continuação de sua própria linha política, o trabalho de saca contra o partido, as intervenções contra o poder popular, a propagação do derrotismo e o enfraquecimento do regime socialista. Tais fenômenos também tiveram lugar em Outubro.

A corrente partidária, pura socialista de Outubro trouxe à tona também a espuma reacionária.

Junto a ela, na mesma onda, vinha o revisionismo. Os

## WLADISLAW GOMULKA

revisionistas chamam de Outubro tudo aquilo, que apareceu na sua superfície. A sua defesa do Outubro é a defesa daqueles, que não têm nada em comum com Outubro, a não ser o fato de assentar-se sobre ele, para quebrantá-lo.

## ATIVIDADE NEGATIVISTA E DESTRUTIVA

A terminologia: ala revisionista — é muito imprecisa. Ela só é correta no sentido de que fazem parte da mesma os próprios revisionistas. No IX pleno se falou muito sobre eles. Eles são também os principais culpados da dispersão ideológica no partido. Foram eles que puseram em dúvida a construção do socialismo não só na Polônia, mas em todos os países socialistas. Com um só movimento eles riscam toda a história, todas as conquistas do socialismo, começando com a Revolução de Outubro na Rússia. Na mesma fração se puseram os inimigos mascarados do socialismo, pessoas, que entraram para o partido, com intenções estranhas ao mesmo. Não se pode incorporar aos revisionistas, pessoas dessa categoria, pois elas nunca acreditaram na idéia do socialismo. Elas apenas aderiram claramente às posições negativas, criadas pelos revisionistas, que antes sempre ocupavam.

No partido não deve haver lugar nem para uns, nem para outros. Existe ainda uma terceira categoria, a qual é difícil de ser incorporada à ala revisionista. Mas ao mesmo tempo não se pode dizer, que ela está com a linha do partido. Esses são os membros do partido que cedem ao revisionismo, encontram-se sob a sua influência, tomam posições vacilantes em relação à linha do partido. Eles formam a periferia da ala revisionista. O partido deve lutar por tais membros.

Em que consiste a dispersão ideológica, introduzida no partido pelos revisionistas. Eles nunca seriam capazes de introduzir a dispersão ideológica no partido se apresentassem o seu programa positivo, se dissessem abertamente o que desejam. Então a situação seria clara para cada um — seria possível aceitar esse programa ou repudiá-lo. Os revisionistas, no entanto, não fazem isso. Eles não propõem programa positivo algum. Eles operam somente com a crítica negativista e estéril. Os membros do partido que lêem tal crítica, começam a duvidar da correção de seu trabalho e da sua luta pelo socialismo, da correção da linha política do partido. A sua posição ideológica clara começa a amorrar-se.

Os membros do partido, que caem nessa dúvida não sabem como trabalhar. E isso eles não encontram nos artigos dos revisionistas e de outros críticos inúteis do socialismo. E nunca acharão, pois esses críticos têm um outro objetivo: propagar a decepção, minar a fé no socialismo dentro do partido, no meio da classe operária e do povo. Não dizem à que serve essa campanha nociva. Não têm coragem de se apresentar com a face aberta, mas não é difícil de adivinhar o objetivo, que tentam alcançar.

A ala revisionista deve ser eliminada do partido. Com tais alas, o partido, a Polónia popular e o socialismo só poderiam se despençar para o precipício. E isso não queremos. Juntamente conosco não desejamos isso a classe operária e milhões de trabalhadores da cidade e do campo.

## NÃO TOLERAR O ANTIPARTIDO DE CARÁTER DOGMÁTICO

Nós não queremos ter no partido nenhuma ala, nenhum grupo. O partido deve ser monolítico. Com a mesma decisão, liquidaremos todas as possíveis manifestações, organizadas e isoladas de atividade antipartidária, que sejam promovidas a partir da posição do dogmatismo. Aquêles, que ataca o

partido, que edita ou distribui secretamente pasquins, que solapa a sua unidade, e paralisa a sua atividade, deixa de ser comunista, mesmo tendo um grande estágio partidário. Para esses, não pode haver lugar dentro do partido.

Já no IX pleno nós mostrávamos que não se deve identificar os inimigos incorrigíveis e ativos da linha do partido e os setores do ativo partidário, que estão desorientados e cedem aos hábitos conservadores em seu trabalho. Os primeiros devem ser eliminados do partido. Al então a reeducação dos segundos se fará bastante mais depressa e com mais êxito. A necessidade de consolidar o Partido na base das resoluções dos VIII e IX plenos, é o motivo principal de ter o Bureau Político apresentado ao Comitê Central a proposta de adiamento do congresso do partido.

## ENTRETANTO EXISTEM MAIS CAUSAS. A QUESTÃO DA QUANTIDADE DE MEMBROS DO PARTIDO

O partido marxista leninista deve ser o destacamento de vanguarda da classe operária. O nosso partido, visto como um todo, como a soma de todas as organizações partidárias, perdeu muitos dos traços de um destacamento de vanguarda da classe operária. Ele parcialmente se dissolveu no seio da massa sem partido.

Isso se explica com uma série de motivos. O mais importante é a quantidade de membros do partido, excessiva nas nossas condições. Mais precisamente, a questão não é só a quantidade numérica do partido, mas também do nível político e ideológico dos membros do partido. Essa qualidade, que resulta da quantidade, é a fonte de muitas fraquezas das organizações partidárias, e, conseqüentemente, do partido.

Pelos dados estatísticos, o nosso partido conta com 1.300 mil membros. Se tivéssemos a metade desse número de membros do partido conscientes, combativos, fiéis à causa do socialismo, o partido seria uma força poderosa no país.

## A QUALIDADE DOS MEMBROS DO PARTIDO

A questão hoje não é a de analisar as causas do crescimento numérico do partido. É preciso analisar a qualidade dos membros do partido. Nesse sentido talvez se possa dividir os membros do partido em três grupos.

O primeiro grupo — são os comunistas conscientes de seu objetivo, independentemente de terem saído das fileiras do PCP, do POP ou do PSP. São os membros do partido, profundamente ligados em pensamentos e sentimentos à idéia do socialismo e para cuja realização dão todas as suas forças, as pessoas com senso de responsabilidade, disciplinados, prontos a estar sempre à disposição do partido. Em sua maioria absoluta a esse grupo pertencem os operários.

Do segundo grupo pode se relacionar os membros do partido, que apoiam o socialismo com o coração e com a consciência. Esses são membros do partido positivos apesar de não serem muito vivos e ativos.

O terceiro grupo — são as pessoas, que entraram para o partido por conveniência pessoal e o socialismo para eles, freqüentemente é indiferente — ele pode existir, ou não. Eles entraram para o partido, antes de mais nada, porque acharam que a filiação ao partido, trar-lhes-ia algum proveito pessoal, ou, simplesmente, viam no carnet partidário uma apólice de seguro.

Esse grupo representa um estorvo para o partido, um peso desnecessário e nocivo. Ele infecciona e influencia negativamente até os bons membros do partido.

O terceiro grupo em princípio deve ser afastado. Especialmente, deve se facilitar que saiam do partido os elementos da categoria dos empregados.

Além disso há no partido uma categoria especial de pessoas particularmente indesejáveis. São elementos vertebados, demagógicos e hipócritas, que têm uma atitude inteiramente negativa para com o socialismo e a direção partidária.

## AS LIBERDADES DEMOCRÁTICAS

Nós abrimos amplamente as portas às liberdades democráticas. Não gostaríamos e não pensamos em fechar essas portas. Nós devemos somente guardá-las cuidadosamente, pois no período passado se infiltraram através das mesmas e vieram à superfície da vida política do país forças inimigas do socialismo.

Os centros anti-socialistas trouxeram um grande prejuízo à causa da formação da opinião pública, graças à sua influência nos órgãos de propaganda. Minando a confiança da classe operária e das massas trabalhadoras no regime socialista, eles simultaneamente, tentavam destruir sob diversos pretextos, o principal princípio da política externa do partido e do governo — a aliança e a amizade com a União Soviética. A propagação da desconfiança para com a União Soviética coincide com as intenções principais, que esses grupos tentam realizar: a saída da Polónia do campo dos países socialistas, o enfraquecimento dos elos da amizade polonês-soviética e a redução do papel da aliança polonês-soviética a uma significação puramente formal. Não há necessidade de demonstrar o prejuízo que tal propaganda pode causar, não só à causa do socialismo, como também aos interesses estatais e nacionais da Polónia.

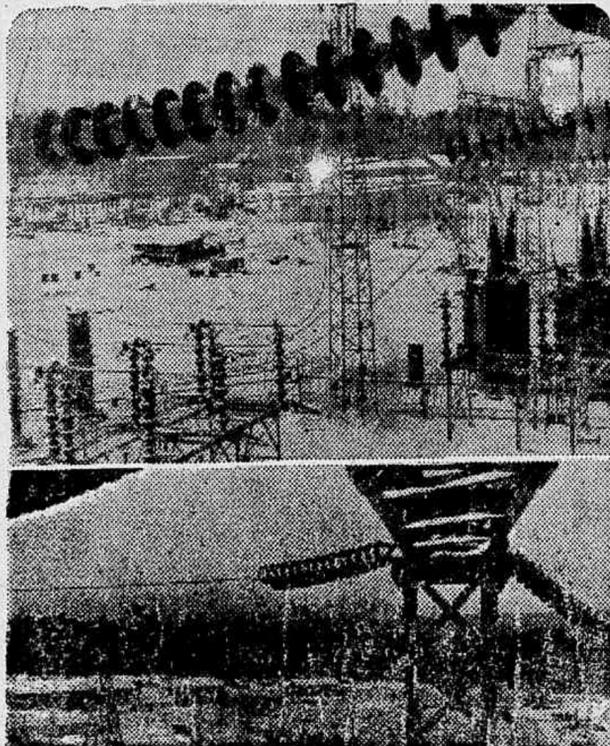
O partido deve por um fim a esse menoscprazo à linha do partido, a todas as demonstrações de atividade inimiga, propagada por certos jornais. A liberdade de palavra e as liberdades democráticas introduzidas pelo VIII pleno devem servir ao melhoramento da construção socialista, e não à sua difamação e ao seu debilitamento. A liberdade de palavra pode significar liberdade de mentira e da fraude, liberdade de propaganda dirigida contra os interesses vitais da Polónia.

## O PAPEL DA IMPRENSA

A imprensa tem o direito de criticar quaisquer fenômenos negativos na vida do país. Nós exigimos somente que toda crítica se faça de modo criador, que ela seja positiva e facilite a construção do socialismo, que não seja dirigida contra o socialismo. A imprensa tem o direito de criticar de maneira concreta essas ou aquelas medidas dos órgãos do poder estatal, não excluindo os ministérios. Ao mesmo tempo, ela tem o dever de ajudar os órgãos do poder estatal a popularizar a política do partido e do governo.

Em seu trabalho quotidiano devem os redatores, jornalistas e publicistas lembrar antes de tudo, que, a sua palavra, a qual através da imprensa chega a todo o povo, deve servir à formação e ao fortalecimento da consciência socialista da sociedade, à mobilização de todas as forças criadoras do povo para um apoio ativo à política interna e externa do partido e do governo.

## HIDRELÉTRICA GIGANTE NA UNIÃO SOVIÉTICA



Prossegue a construção da hidrelétrica, de Bratsk, na Sibéria, que deverá ter 3.200.000 de Kws de potência, vindo a ser, assim, a maior hidrelétrica do mundo. Vemos, no clichê, dois aspectos da sub-estação de abaixamento, construída num setor da linha Irkutsk-Bratsk. Todo um sistema de sub-estações servirá à indústria daquela região. (Foto TASS)

# COMERCIAR COM TODOS OS PAISES SOCIALISTAS IMPERATIVO DO MOMENTO QUE VIVEMOS

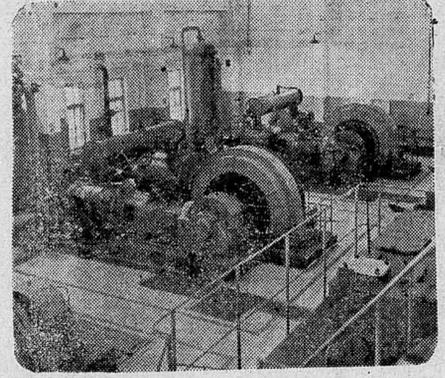
ESTA na ordem do dia dos debates públicos, através da imprensa e do rádio, a urgente necessidade do Brasil ampliar o seu intercâmbio comercial com todos os países do mundo e conquistar novos mercados, particularmente os dos países socialistas como a União Soviética e a República Popular da China.

A necessidade desse alargamento do nosso comércio exterior decorre de dois fatos principais: 1) indispensável diversificação de nossas exportações, quanto aos países que absorvam a sua maior parcela e quanto aos tipos de produtos exportáveis; 2) importação em maior ritmo de bens de investimento, a fim de apressar o desenvolvimento de nosso processo de industrialização, particularmente no setor básico.

Porque a ampliação de nossos mercados e a conquista de novos, particularmente dos mercados do Leste socialista, se tornou, nos dias atuais, uma necessidade e uma exigência do próprio desenvolvimento nacional e da estabilização da nossa economia, é que o movimento de opinião a esse respeito ganhou consistência e colocou tais problemas no centro das preocupações das mais importantes correntes de opinião do país.

Há, entretanto, os que não desejam a concretização de tais medidas, os que estão ligados aos interesses monopolistas do imperialismo norte-americano. Daí a onda de provocações, calúnias e sofismas que vem sendo propagada por certa imprensa, capitaneada pelo "Diário de Notícias", visando a confundir a opinião pública e atemorizar a corrente nacionalista do governo que defende o imediato restabelecimento de relações comerciais com a União Soviética, a República Popular da China e demais países socialistas.

É oportuno, por isso, balnearmos aqui mesmo rapidamente, o intercâmbio comercial que vimos realizando com alguns países socialistas do Leste europeu — Hungria, Iugoslávia, Polónia e Tchecoslováquia, particularmente dos dois últimos com os quais nossas relações comerciais vêm se desenvolvendo satisfatoriamente.



A estação elétrica de Shatsk é movida a turbina de gás. O seu combustível procede da gasificação subterrânea do carvão. A foto mostra três poderosas máquinas que suprem de ar os geradores subterrâneos de gás (Foto TASS)

**1. — O que exportamos para os países socialistas**  
As nossas exportações para os países socialistas, com os quais mantemos relações comerciais, têm se desenvolvendo regularmente desde o fim da última guerra, apesar de não expressarem ainda toda a nossa capacidade de exportar para aqueles países, nem as possibilidades dos mesmos

## Rápido balanço de nosso comércio com a Polónia, Tchecoslováquia, Iugoslávia e Hungria — Que vantagens obteríamos negociando com a União Soviética? — Sigamos o exemplo dos países afro-asiáticos

Reportagem de FRAGMON CARLOS BORGES

### Se importarem os nossos produtos.

Durante os seis primeiros meses do ano de 1957, as nossas exportações para a Polónia, Tchecoslováquia e Hungria, alcançaram a significativa soma de cerca de 950 milhões de cruzeiros representando 3,6% do valor total das exportações brasileiras.

O valor de nossas exportações para os países socialistas, com que mantemos relações de trocas, é superior ao que realizamos para a maioria dos países asiáticos, africanos e sulamericanos, e mesmo alguns europeus.

### Negócios em ascensão

Um rápido exame das estatísticas oficiais revela que as nossas exportações para o Leste europeu vêm se desenvolvendo, neste após guerra, em ritmo ascendente.

Em 1946, exportamos para a Iugoslávia, Polónia, Tchecoslováquia e União Soviética, mercadorias no valor de 263 milhões e 500 mil cruzeiros, correspondente a 1,45% do valor total de nossas exportações. Dez anos depois, em 1956, apenas a Hungria, Polónia e Tchecoslováquia importaram mercadorias num valor correspondente a 2,91% do total de nossas vendas no exterior.

### Os melhores clientes

Entre os países socialistas com que negociamos, a Polónia e Tchecoslováquia têm se revelado os melhores clientes, pois as nossas trocas comerciais com aqueles países vêm se desenvolvendo em ritmo ascendente. Em 1946, as importações polonesas do Brasil representaram apenas 0,41% do valor total de nossas exportações, enquanto que, nos seis primeiros meses do ano passado, aquela percentagem subiu para 1,81%. A Tchecoslováquia, cujas importações representaram, em 1946, apenas 0,23% do valor total de nossas vendas ao estrangeiro,

### 2. — O QUE IMPORTAMOS DOS PAISES SOCIALISTAS

As nossas compras nos mercados dos países socialistas têm, também, aumentado nesses últimos anos. Em apenas 5 meses, de Janeiro a Maio de 1957, importamos da Polónia e da Tchecoslováquia mercadorias no valor aproximado de 1 bilhão e 130 milhões de cruzeiros, representando 3,41% do valor total de nossas compras no exterior.

### 2. — O QUE IMPORTAMOS DOS PAISES SOCIALISTAS

Em 1946, compramos a Polónia e Tchecoslováquia mercadorias num valor correspondente a apenas 0,19% do total de nossas importações. E, em 1954, as nossas compras da Iugoslávia, Hungria, Polónia e Tchecoslováquia corresponderam a 1,9% do valor total das compras que efetuamos no estrangeiro.

### AUMENTAM AS IMPORTAÇÕES

Nestes 12 anos de após guerra, as nossas compras a países do Leste socialista têm aumentado de ano para ano. Em 1946, compramos a Polónia e Tchecoslováquia mercadorias num valor correspondente a apenas 0,19% do total de nossas importações. E, em 1954, as nossas compras da Iugoslávia, Hungria, Polónia e Tchecoslováquia corresponderam a 1,9% do valor total das compras que efetuamos no estrangeiro.

### POLÓNIA E TCHECOSLOVÁQUIA

As importações brasileiras dos países socialistas se constituem, principalmente, de produtos poloneses e tchecos. Com esses dois países as nossas trocas comerciais se desenvolvem em ritmo seguro e sempre em ascensão. Em 1946, as nossas compras de produtos poloneses representaram apenas 0,13% do valor total das importações brasileiras. Em 1957, durante os 5 primeiros meses, aquela percentagem subiu para 1,10%. As mercadorias da Tchecoslováquia, que representaram, em 1946, 0,06% de nossas compras no exterior, passaram a representar 2,31% nos cinco primeiros meses do ano passado.

### O QUE COMPRAMOS

Enquanto exportamos produtos primários, as nossas importações dos países socialistas são constituídas, fundamentalmente, por máquinas,

Comparamos, aqueles países, tornos para metais, tratores, motores diesel, cortadoras para metais, frezadoras e furadoras para metais, planadoras para metais, cilindros para barras e vergalhões de ferro e aço, alumínio, etc.

### 3. — VANTAGENS DO COMÉRCIO COM OS PAISES DO LESTE EUROPEU

Os números acima revelam que as nossas trocas comerciais com aqueles países socialistas vêm aumentando de maneira se não satisfatória, pelo menos razoável. Se o ritmo de trocas entre o Brasil e aquelas nações ainda não alcançou o estágio desejado e possível, deve-se principalmente ao fato de que tais trocas estão sujeitas a conjuntura da situação política internacional.



**FIODOROV, o explorador**

EVGHENI FIODOROV é um cientista relativamente jovem, nascido em 1910. Entrou para a Faculdade de Física da Universidade de Leningrado, dedicando-se em particular ao estudo dos fenômenos magnéticos. Saindo da Universidade com 22 anos, prosseguiu nos estudos do magnetismo, nas estações polares soviéticas. Fiodorov participou também, em 1937-38, juntamente com outros pesquisadores, numa das mais ousadas empresas científicas: a edificação da primeira estação científica polar, a estação «Polo Norte 1». No retorno dessa expedição, a qual recolheu preciosos materiais científicos e justamente em 1939, Fiodorov foi nomeado membro correspondente da Academia de Ciências da URSS. Desde 1945 é diretor do Instituto de Geofísica aplicada, da Academia de Ciências. É um dos dirigentes do comitê soviético para o Ano Geofísico Internacional. Como se sabe, como parte do programa de pesquisas do Ano Geofísico Internacional é que se efetuou o lançamento recente dos dois satélites artificiais soviéticos da Terra.

nal. Uma maior acentuação da «guerra fria» traz, inevitavelmente, um retrocesso nos negócios, enquanto que qualquer alívio na tensão mundial possibilita uma melhoria nas trocas entre os países do Leste e do Oeste.

### NEGÓCIO VANTAJOSO

A experiência tem-nos mostrado que as relações comerciais entre o Brasil e aqueles países socialistas têm sido vantajosas de parte a parte. Com o desenvolvimento dos negócios, as nossas descom-

### AJUDA AO NOSSO DESENVOLVIMENTO

Tratando-se de países altamente industrializados, parti-

cularmente a Polónia e a Tchecoslováquia, estão em condições de contribuir decisivamente para o nosso desenvolvimento vendendo-nos equipamentos industriais e instalações completas para a criação, no Brasil, de uma poderosa indústria pesada.

A Polónia tem colaborado para a renovação e ampliação de nossas ferrovias e da malha mercante brasileira, com a venda de trilhos e navios em condições mais vantajosas do que qualquer outro concorrente. Ainda recentemente, aquele país enviou propostas ao governo do Estado de Minas, para instalar uma usina siderúrgica no Vale do Parapeba, com capacidade para produzir entre 300 e 500 mil toneladas de aço laminado, por ano.

As possibilidades de ampliação de nossas trocas comerciais com os países do Leste socialista, são inesgotáveis. Negociações estão sendo rea-

alizadas em vários países do Leste europeu, com o objetivo de estabelecer relações comerciais mais estreitas e vantajosas para ambos os países.

As possibilidades de ampliação de nossas trocas comerciais com os países do Leste socialista, são inesgotáveis. Negociações estão sendo rea-

alizadas em vários países do Leste europeu, com o objetivo de estabelecer relações comerciais mais estreitas e vantajosas para ambos os países.

As possibilidades de ampliação de nossas trocas comerciais com os países do Leste socialista, são inesgotáveis. Negociações estão sendo rea-

alizadas em vários países do Leste europeu, com o objetivo de estabelecer relações comerciais mais estreitas e vantajosas para ambos os países.

As possibilidades de ampliação de nossas trocas comerciais com os países do Leste socialista, são inesgotáveis. Negociações estão sendo rea-

alizadas em vários países do Leste europeu, com o objetivo de estabelecer relações comerciais mais estreitas e vantajosas para ambos os países.

As possibilidades de ampliação de nossas trocas comerciais com os países do Leste socialista, são inesgotáveis. Negociações estão sendo rea-

alizadas em vários países do Leste europeu, com o objetivo de estabelecer relações comerciais mais estreitas e vantajosas para ambos os países.

As possibilidades de ampliação de nossas trocas comerciais com os países do Leste socialista, são inesgotáveis. Negociações estão sendo rea-

alizadas em vários países do Leste europeu, com o objetivo de estabelecer relações comerciais mais estreitas e vantajosas para ambos os países.

As possibilidades de ampliação de nossas trocas comerciais com os países do Leste socialista, são inesgotáveis. Negociações estão sendo rea-

alizadas em vários países do Leste europeu, com o objetivo de estabelecer relações comerciais mais estreitas e vantajosas para ambos os países.

As possibilidades de ampliação de nossas trocas comerciais com os países do Leste socialista, são inesgotáveis. Negociações estão sendo rea-

alizadas em vários países do Leste europeu, com o objetivo de estabelecer relações comerciais mais estreitas e vantajosas para ambos os países.

As possibilidades de ampliação de nossas trocas comerciais com os países do Leste socialista, são inesgotáveis. Negociações estão sendo rea-

alizadas em vários países do Leste europeu, com o objetivo de estabelecer relações comerciais mais estreitas e vantajosas para ambos os países.

As possibilidades de ampliação de nossas trocas comerciais com os países do Leste socialista, são inesgotáveis. Negociações estão sendo rea-

alizadas em vários países do Leste europeu, com o objetivo de estabelecer relações comerciais mais estreitas e vantajosas para ambos os países.

As possibilidades de ampliação de nossas trocas comerciais com os países do Leste socialista, são inesgotáveis. Negociações estão sendo rea-

alizadas em vários países do Leste europeu, com o objetivo de estabelecer relações comerciais mais estreitas e vantajosas para ambos os países.

As possibilidades de ampliação de nossas trocas comerciais com os países do Leste socialista, são inesgotáveis. Negociações estão sendo rea-

alizadas em vários países do Leste europeu, com o objetivo de estabelecer relações comerciais mais estreitas e vantajosas para ambos os países.

As possibilidades de ampliação de nossas trocas comerciais com os países do Leste socialista, são inesgotáveis. Negociações estão sendo rea-

alizadas em vários países do Leste europeu, com o objetivo de estabelecer relações comerciais mais estreitas e vantajosas para ambos os países.

As possibilidades de ampliação de nossas trocas comerciais com os países do Leste socialista, são inesgotáveis. Negociações estão sendo rea-

alizadas em vários países do Leste europeu, com o objetivo de estabelecer relações comerciais mais estreitas e vantajosas para ambos os países.

As possibilidades de ampliação de nossas trocas comerciais com os países do Leste socialista, são inesgotáveis. Negociações estão sendo rea-

alizadas em vários países do Leste europeu, com o objetivo de estabelecer relações comerciais mais estreitas e vantajosas para ambos os países.

As possibilidades de ampliação de nossas trocas comerciais com os países do Leste socialista, são inesgotáveis. Negociações estão sendo rea-

alizadas em vários países do Leste europeu, com o objetivo de estabelecer relações comerciais mais estreitas e vantajosas para ambos os países.

As possibilidades de ampliação de nossas trocas comerciais com os países do Leste socialista, são inesgotáveis. Negociações estão sendo rea-

alizadas em vários países do Leste europeu, com o objetivo de estabelecer relações comerciais mais estreitas e vantajosas para ambos os países.

As possibilidades de ampliação de nossas trocas comerciais com os países do Leste socialista, são inesgotáveis. Negociações estão sendo rea-

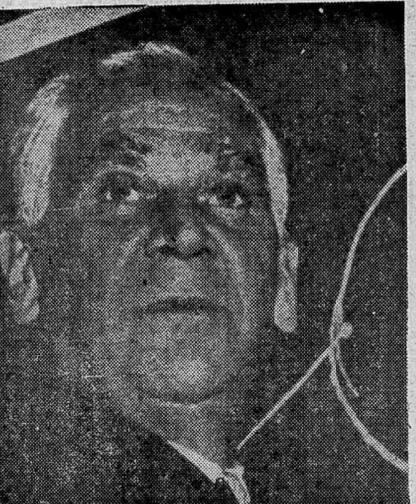
alizadas em vários países do Leste europeu, com o objetivo de estabelecer relações comerciais mais estreitas e vantajosas para ambos os países.

As possibilidades de ampliação de nossas trocas comerciais com os países do Leste socialista, são inesgotáveis. Negociações estão sendo rea-



O cacau brasileiro, é adquirido pela URSS, através da Inglaterra e dos Estados Unidos, quando poderia fazê-lo diretamente, com vantagens para ambos os países.

# OS HOMENS QUE CRIARAM O SPUTNIK



**BLAGONRAVOV, o «diplomata»**

ANATOLI BLAGONRAVOV, cujo nome já se tornou conhecido em todo o mundo, encontrava-se na América justamente no momento em que era lançado o primeiro satélite artificial. É um homem que une à profunda capacidade científica, notáveis dotes «diplomáticos», por ele demonstrados diante do assédio de perguntas por parte dos jornalistas estrangeiros, tanto na América, onde ele dirigia a delegação soviética na Conferência sobre foguetes astronômicos, como em Moscou, durante a recente conferência de imprensa sobre os resultados do lançamento dos dois satélites artificiais soviéticos. Blagonravov nasceu em 1894 e completou seus estudos matemáticos no Instituto Mikhailovski e na Alta-Escola de Artilharia. Em 1924 entrou como professor na Faculdade de Artilharia da Academia técnico-militar e logo em seguida passou a trabalhar em trabalhos científicos, no campo das armas balísticas e aéreas. Uma de suas obras fundamentais se intitula: «Os princípios de projeção da arma automática», na qual ele expõe as bases teóricas e práticas da construção de tais armas. Em 1938 foi-lhe conferido o grau de doutor em Ciências e o título de professor. Finalmente, em 1943, a longa atividade de Blagonravov no terreno científico foi coroada com a sua nomeação como membro efetivo da Academia de Ciências, o órgão científico soviético supremo. Graças aos estudos de Blagonravov e de seus colaboradores, foi possível calcular com antecedência, através do gigantesco «cérebro eletrônico» da BESM, a órbita dos dois satélites artificiais recentemente lançados pela União Soviética.



**SEDOV, o organizador**

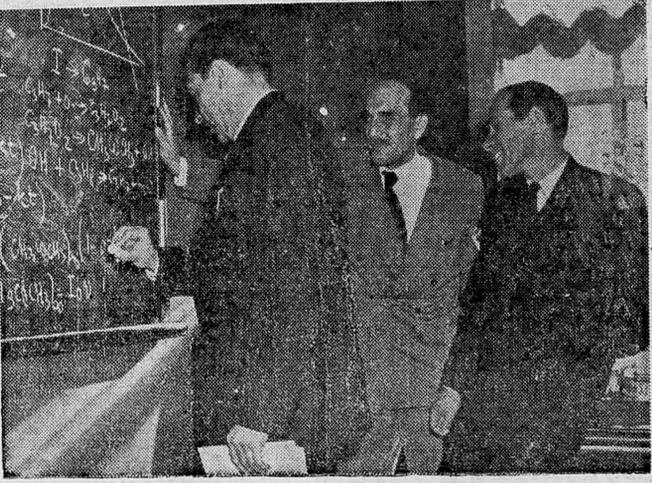
LEONID SEDOV nasceu no dia 19 de novembro de 1907. Da faculdade pedagógica da Universidade de Rostov, no ano de 1926, transferiu-se para a Faculdade de Física de Moscou, da qual saiu em 1930, especializado em mecânica e matemática aplicada. Passou depois para o Instituto Central de Aerodinâmica e em cinco ou seis anos tornou-se especialista em hidro-mecânica, até que, em 1937, foi convidado a lecionar na Universidade estatal de Moscou. Toda a atividade e a pesquisa científica desse cientista estão estreitamente ligadas à prática da produção. Seus trabalhos científicos são dedicados principalmente a vários problemas de hidro-dinâmica e de aerodinâmica e à dinâmica dos gases. Tais pesquisas no campo da dinâmica dos gases foram utilizadas por Sedov em duas importantes aplicações de astrofísica: aquela referente às relações entre as proporções e a luminosidade dos astros e a sua massa e aquela das explosões astrais. Sedov dirigiu o trabalho de importantes equipes científicas no Instituto de Pesquisas da URSS, tomando parte ativa na solução de problemas ligados ao desenvolvimento da nova técnica. Sua atividade científica é acompanhada de uma notável capacidade de organizar em torno de si o trabalho de seus colaboradores e de numerosos alunos seus. Os últimos trabalhos de Sedov sobre a teoria das detonações e sobre a aerodinâmica cósmica foram expostos pessoalmente por ele nos EE. UU., em 1956 e 1957; na Conferência Internacional sobre combustíveis e sobre dinâmica cósmica, na Bélgica, no IX Congresso de mecânica técnica e no Congresso de Astronáutica, na Espanha.



**KAPITZA, o atômico**

PETER LEONIDOVICH KAPITZA é um dos maiores cientistas atômicos vivos. Nasceu em Kronstadt a 7 de julho de 1894. No período da Revolução de Outubro era estudante de física na Universidade de Leningrado. Seguiu-se o duro período da guerra civil e da intervenção imperialista e, em 1921, Kapitzza abandonou a URSS; a mulher e a filha morreram durante uma epidemia e o jovem cientista caiu num desânimo profundo. Transferiu-se para a Inglaterra e inscreveu-se na Universidade de Cambridge. Tornou-se depois assistente do Trinity College e membro da British Royal Society. Em 1934, Kapitzza voltou à União Soviética. Na pátria, o cientista tornou-se membro efetivo da Academia de Ciências, membro fundador da Sociedade Moscovita de pesquisadores da natureza. Dirigiu todas as pesquisas soviéticas no campo atômico. Atualmente é também membro de academias científicas inglesas, francesas, americanas, foi condecorado com a medalha Franklin e Faraday e foi laureado doutor «honoris causa» de numerosas universidades.

Vemos, no centro da fotografia, entre colaboradores, o prof. Semionov, Prêmio Nobel de química de 1956. Os seus estudos sobre carburantes super-leves foram fundamentais para o lançamento dos projetos balísticos e dos satélites artificiais.





... de Estado, Defesa e Finanças da Síria, fez uma visita a N. A. Bulganin, presidente do Conselho de Ministros da URSS. No clichê, um flagrante do encontro (foto TASS).

Perguntas e RESPOSTAS

O CARÁTER E OS OBJETIVOS DA FRENTE ÚNICA

UMA questão impermanentemente se coloca hoje no centro da atividade política do Partido: — Qual o caráter e quais os objetivos da frente única no movimento atual?

Esta questão foi objeto de animados debates em nosso Partido e foi focalizada pelo camarada Prestes em seu artigo dedicado ao 40º aniversário da Revolução de Outubro.

Fazendo auto-crítica das nossas concepções anteriores, afirmou o camarada Prestes:

«A falsa compreensão que tínhamos da realidade brasileira e os erros, que cometemos na elaboração da tática, levaram-nos a uma errônea compreensão da frente única. Esta, em vez de ter um caráter político, de visar à constituição de um determinado governo, um governo possível de ser conquistado nas condições reais da atualidade mundial e brasileira, era feita em torno de pequenas reivindicações e visava exclusivamente unificar as massas para educá-las na prática e convencê-las da necessidade da

luta pela derrubada do governo e do regime».

Tal concepção estreita nos levava a admitir na frente única quase exclusivamente os elementos mais radicalizados e que previamente, desde o início, aceitavam a nossa hegemonia. Embora incluíssemos a burguesia nacional entre os aliados e a considerássemos possível integrante da frente única, na prática só nos aproximávamos de setores muito limitados da burguesia nacional. Não compreendíamos que as vacilações da burguesia nacional são naturais e inevitáveis e, por isto, a crítica a elas, ao mesmo tempo, que consequente, deve ter sempre em vista que se trata de crítica a um aliado, ao qual pretendemos ajudar e ganhar para determinadas posições. Ao invés disso, a pretexto de luta contra o nacional-reformismo, frequentemente atacávamos a burguesia nacional da mesma maneira como o fazíamos com o inimigo principal isto é, o imperialismo norte-americano.

A nossa concepção sectária da frente única nos levava também a desconhecer a possibilidade real de atrair certos setores de latifundiários, embora dentro de determinados limites, para a luta antimperialista. Está claro que, afastados da vida real, não podíamos perceber as possibilidades de

tivas de ampliar o nosso campo de aliados e isolar, assim, ainda mais, o imperialismo norte-americano e os seus agentes internos.

Mesmo no que se refere ao proletariado, aos camponeses e à pequena burguesia, também aplicávamos uma tática de frente única extremamente sectária, uma vez que nos guiávamos, de modo dogmático, pela concepção de «revolução a curto prazo». Não trabalhávamos de modo paciente com as massas, não levávamos em conta o seu efetivo nível de consciência abandonando um princípio essencial de toda tática marxista-leninista, ou seja, o princípio da educação das massas fundamentalmente pela sua própria experiência política.

Uma vez constatada a falência da linha geral que viávamos seguindo durante os últimos dez anos, cumpre aos dirigentes e militantes do Partido elaborar coletivamente uma nova linha geral que corresponda de modo efetivo às exigências da realidade brasileira. Daí também a necessidade de uma nova tática de frente única.

Qual o objetivo, dessa nova tática?

O camarada Prestes, no seu referido artigo, assina o seguinte:

«A análise da realidade atual, mundial e nacional, coloca-nos diante da possibilidade de participar de um amplo movimento democrático e nacionalista capaz de

mudar a política do atual governo ou de conseguir um novo governo, de orientação progressista, nacionalista e democrática, conseguir esse governo através de eleições ou de pressão de massas ou ainda através da resistência organizadora das forças democráticas e patrióticas, no caso de uma inevitável crise de governo, como a de 11 de novembro, provocada pela intervenção imperialista nos negócios internos de nosso país.»

Trata-se, pois, de utilizar a possibilidade de um caminho pacífico para chegar a uma solução imediata, favorável às forças democráticas e antimperialistas, ainda nas condições do atual regime. Isto nos obriga a participar do movimento político real e objetivar um determinado governo nas condições atuais. A conquista desse governo, por si mesma, não trará transformações democrático-burguesas radicais, mas significará um grande passo à frente e permitirá acelerar o processo gradual de acumulação de força para a realização definitiva daquelas transformações.

Para conquistar um governo desse tipo, que possamos apoiar de modo decidido, ou do qual cheguemos mesmo a participar, é necessário lutar com afinco para constituir uma frente única muito ampla.

A respeito, afirma Prestes: «A conquista de um semelhante governo é possível através da constituição da frente única democrática e nacionalista, se essa frente única souber levantar as justas reivindicações da classe operária, das massas camponesas, da intelectualidade e da pequena burguesia urbana, da burguesia nacional e dos setores latifundiários, que têm contradições com os monopólios imperialistas. Será um governo democrático e nacionalista, que poderá fazer uma política externa independente e que fará avançar a democracia no país.»

Al estão, em linhas gerais, o caráter e os objetivos da frente única. Na conjuntura atual é indispensável observar que essa frente única não é uma quimera, não é o resultado de um artifício, porém uma tendência da realidade, que se expressa no movimento nacionalista. Esse movimento tem amplitude

sem precedentes, porque vai mudar a política do atual governo ou de conseguir um novo governo, de orientação progressista, nacionalista e democrática, conseguir esse governo através de eleições ou de pressão de massas ou ainda através da resistência organizadora das forças democráticas e patrióticas, no caso de uma inevitável crise de governo, como a de 11 de novembro, provocada pela intervenção imperialista nos negócios internos de nosso país.»

Teoria e Prática

AS CONDIÇÕES INTERNACIONAIS E O CAMINHO PACÍFICO PARA O SOCIALISMO

A. I. MIKOIAN

O SURGIMENTO, o crescimento e o reforço do poderoso campo do socialismo é o principal fator para modificações fundamentais na situação internacional. Na União Soviética está construída a sociedade socialista, a grande China e os países de democracia popular marcham a passos rápidos pelo caminho da construção do socialismo. O sistema socialista mundial estabeleceu-se, fortaleceu-se e desenvolveu-se, enquanto o sistema mundial do capitalismo se encontra em situação de crise, enfraqueceu-se e perde uma posição após outra.

O sistema colonial, anteriormente importante reserva do capitalismo, desagrega-se cada vez mais. Tomaram o caminho do desenvolvimento independente os povos da Índia, Birmânia, Indonésia e Egito; lutam pela liberdade e pela independência total todos os povos dos países coloniais e dependentes da Ásia, África e da América Latina. Elevou-se o nível de organização e de consciência da classe operária nos países capitalistas.

Analisando a questão dos caminhos que a revolução deve tomar no período atual, também nós devemos, hoje, como fizeram em sua época Marx e Lênin, partir de um exame preciso da correlação entre as forças de classe tanto em cada país como em escala mundial. Todos compreendem que em nossa época nenhum país pode desenvolver-se isoladamente sem submeter-se a certa influência exercida por outros países.

Já Lênin previa que num pequeno país burguês, em virtude da existência de vários países socialistas, a passagem ao socialismo pode realizar-se por meios pacíficos. Lênin dava a entender que se deve considerar não só a correlação entre as forças de classe num só país isoladamente, mas também a existência do socialismo vitorioso nos países vizinhos.

Em relação a tudo isso, o informe de balanço do C.C. chega à conclusão de que, nas condições atuais, surge para certos países a possibilidade real do caminho pacífico de passagem ao socialismo. Em outras palavras, graças à correlação entre as forças de classe no país e à situação geral favorável caracterizada acima, a classe operária tem, em certos países, a possibilidade de, em aliança com o campesinato, unir sob sua direção a maioria do povo e chegar ao poder por meios pacíficos, sem a insurreição armada, sem a guerra civil, utilizando as instituições parlamentares existentes. O caminho pacífico para o desenvolvimento da revolução só é possível, evidentemente como resultado da força, do grau de organização e de consciência da classe operária.

Em outros casos, quando a burguesia possui uma potente máquina militar e policial, nunca deixa de impor ao proletariado a luta armada para defender seu domínio. O proletariado deve estar de antemão preparado para essa situação.

(Da intervenção no XX Congresso do P.C.U.S.)

REUNIÃO DE ATIVISTAS DO P.C. JAPONÊS

Numa reunião, em Tóquio, à qual compareceram mais de 600 ativistas, Yoshio Shiga, chefe da delegação do Partido Comunista Japonês às comemorações da Revolução de Outubro em Moscou, apresentou um informe das tarefas desempenhadas por aquela delegação.

Yoshio Shiga fez uma importante declaração pela Paz assinada pelas delegações de 64 partidos comunistas e operários.

Acrescentou que a presente situação mundial estava claramente a favor do socialismo. Mas advertiu que o pioramento da situação econômica levaria os Estados Unidos a buscar desesperadamente a saída de um ataque às forças do socialismo e da paz. «Daí porque — declarou o informante — a causa do crescimento das forças da paz e da salvaguarda da paz mundial é inseparável da causa da construção do socialismo.»

A importância do Manifesto também reside em que coloca os fundamentos de uma nova solidariedade proletária no espírito do internacionalismo.

Referindo-se às relações sino-japonesas, disse Yoshio Shiga que o movimento pelo restabelecimento de relações diplomáticas fazia progressos. Mas era necessário, igualmente, combater o esquema das "duas Chinas" sustentado pelos reacionários norte-americanos e japoneses.

Também usaram da palavra na reunião outros dirigentes, entre os quais Sanzo Nozaka, 1º secretário do C.C. do Partido Comunista Japonês.

FALA GHEORGHIU-DEJ SOBRE OS DOCUMENTOS DE MOSCOU

Numa reunião, em Bucarest, de ativistas do Partido dos Trabalhadores da România, usou da palavra o camarada Gheorghe Gheorghiu-Dej, 1º Secretário do Partido. Referindo-se aos documentos de Moscou, declarou que ajudariam a consolidar a democracia popular na România, política e ideologicamente.

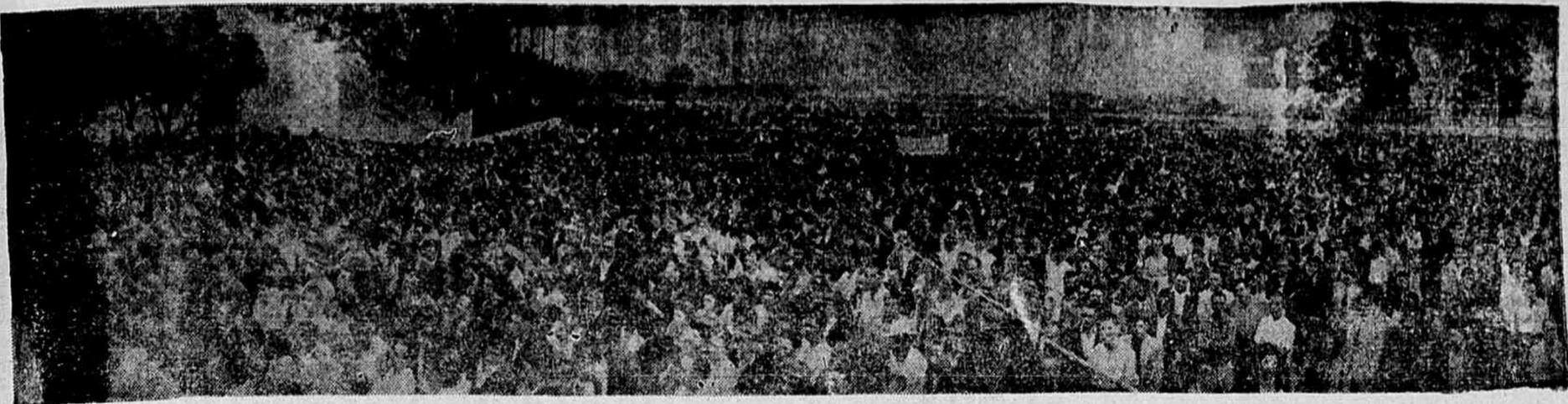
O Manifesto pela Paz interpreta os interesses comuns de centenas de milhões de pessoas no mundo inteiro. Ele dá nova força e esperança à luta pela paz.

A conferência dos partidos comunistas e operários dos países socialistas mostrou a sua identidade de pontos de vista no que se refere à teoria fundamental e à prática da revolução e da construção socialistas.

O Partido dos Trabalhadores da România concorda inteiramente com a Declaração. O Partido continua a sustentar que o fortalecimento da unidade e da cooperação fraternal entre os países socialistas e os seus partidos dirigentes era o fator mais importante para o êxito na luta pelo socialismo.

As relações entre os países socialistas estavam baseadas na cooperação mútua para a construção socialista e para a defesa dos frutos da revolução proletária. Estas relações, baseadas no princípio do internacionalismo proletário, promovem e consolidam a independência econômica e política de cada país socialista. O fortalecimento da unidade entre os países socialistas está de acordo inteiramente com os interesses nacionais de cada um deles.

O camarada Dej apontou também para a importância da luta contra o doutrinarismo e o revisionismo. Concluindo o informe, conclamou as organizações do partido e os seus membros a popularizarem os documentos de Moscou entre as massas do povo.



Aspecto da memorável Assembleia da Aliança Intersindical no Hípodromo da Moóca, em São Paulo, durante a greve geral de outubro do ano findo.

# Andou Para Frente o Movimento Sindical

**O ESPÍRITO DE UNIDADE É CADA VEZ MAIS FORTE NO MOVIMENTO OPERÁRIO — O QUE FICOU REVELADO NOS CONGRESSOS E NAS ELEIÇÕES SINDICAIS — IMPORTANTES CATEGORIAS PROFISSIONAIS CONQUISTARAM AUMENTO DE SALÁRIO ATRAVÉS DE ENTENDIMENTOS OU DE GREVES — O BALANÇO DE 1957 E AS TAREFAS DE 1958**

O ano de 1957 teve uma significação particularmente importante para o movimento sindical brasileiro. Nesse período, registrou o proletariado de nosso país avanços expressivos no terreno da unidade de ação e da organização de classe. Novas vitórias foram alcançadas, nas lutas em defesa de reivindicações econômicas e sociais, maiores êxitos obtiveram os trabalhadores brasileiros em sua marcha por uma vida melhor.

Inicia-se agora um novo ano e novas lutas se avizinham. Que experiências ganharam os trabalhadores, com o ano que passou?

## CRESCE A UNIDADE DE AÇÃO

Dentre as mais importantes características do movimento sindical brasileiro em 1957, destaca-se, pela enorme amplitude que conseguiu realizar, a unidade de ação. Nas campanhas reivindicativas por aumento de salários, na defesa do direito de greve e contra o 9.070, nas vigorosas demonstrações de protesto contra a política de carestia e exploração ergueram-se, lado a lado, operários de diferentes tendências e posições, em torno de programas comuns.

Exemplos da amplitude alcançada pela unidade de ação foram os inúmeros congressos e conferências, de âmbito estadual e nacional, realizadas por algumas das maiores categorias profissionais — metalúrgicos, ferroviários, servidores públicos, bancários etc.

O 1º de maio de 57 constituiu um ponto alto no trabalho de entendimentos e aproximação entre as várias correntes do movimento operário no Brasil. Nos principais Estados do país, grandes concentrações e desfiles assinalaram a passagem da data máxima dos trabalhadores. Em todas as ocasiões, erguiam-se as faixas e bandeiras, que traziam inscritas as reivindicações por que se batia o proletariado brasileiro.

O trabalho em defesa de problemas comuns e o clima de entendimentos e acordos possibilitou ainda a formação de chapas únicas às eleições de várias diretorias sindicais. Foi vencido assim o ambiente de desconfianças recíprocas, de animosidade contra dirigentes que se encontram há muitos anos à frente de organizações sindicais e o movimento operário deu mais um passo para diante.

Surgiram ainda em 1957, como resultado do avanço da unidade de ação, inúmeras Comissões Inter-sindicais, Pactos de ação comum, Comis-

sões nacionais pró-aumento de salários. Formaram-se as alianças entre várias categorias profissionais.

## AS GRANDES LUTAS DE 1957

Problemas da maior importância para a vida do proletariado agitaram o cenário nacional, no ano de 1957. Defesa da estabilidade no trabalho, contra as ameaças do Conselho Nacional de Economia; defesa do direito de greve (apoio ao projeto Aurélio Viana, que o regulamentava) e contra o famigerado 9.070; reforma da previdência social e extensão ao campo da legislação trabalhista; defesa da indústria nacional e reconhecimento dos direitos adquiridos dos trabalhadores — essas são algumas das questões em torno das quais se desenvolveram as lutas e as atividades do movimento operário neste ano que agora expira.

A luta por aumento geral de salários alcançou grande intensidade. Um milhão de trabalhadores brasileiros tiveram que recorrer inclusive à greve para arrancar dos patrões um pouco mais de dinheiro e diminuir a miséria em seus lares. E através dessas lutas, conquistaram os metalúrgicos, gráficos, vidreiros, bancários, portuários, savateiros — e muitas e muitas outras categorias profissionais, aumentos salariais que variaram de 20 a 45%.

Destacou-se, por sua significação política — defesa da liberdade sindical e do direito de greve — a campanha nacional pela revogação do decreto 9.070. Lançada publicamente pelos bancários cariocas, em pleno desenvolvimento de sua campanha salarial, através de uma passeata vulgosa seguida do «entêrrão» simbólico, foi repetida nas principais capitais do país. Contra o 9.070 colocaram-se todas as grandes organizações sindicais, desde os sindicatos até as Confederações — parti-

cularmente importante foi a posição assumida pela CNTI.

Os trabalhadores têxteis, durante todo o ano de 57, tiveram que enfrentar a ofensiva patronal contra os seus direitos, a começar pelo próprio direito ao trabalho. Alegando a existência de crise nesse importante setor, tentaram os industriais descarregar sobre os operários todo o peso de suas dificuldades. Mas os trabalhadores lhes mostraram que podiam lutar juntos em defesa da indústria nacional, ao mesmo tempo que exigiam o respeito aos seus direitos. Surgiram assim as comissões formadas por operários e patrões, em visita ao Presidente da República. Mesas-redondas, reuniões e debates, abaixo-assinados — tudo isso mostrou a possibilidade real que existe para a luta comum entre operários e industriais, com o objetivo de obter medidas capazes de beneficiar a nossa indústria.

As lutas operárias de 1957 tiveram nível elevado. Lutaram os trabalhadores não só por suas reivindicações imediatas, mas também tomaram posição em face dos grandes problemas políticos da vida nacional em defesa da Petrobrás, pelas relações amistosas com todos os países, contra a carestia de vida, pela emancipação econômica do país.

## REFORÇADA A ORGANIZAÇÃO SINDICAL

O ano de 1957 foi também o ano da realização de grandes congressos nacionais. Dêles surgiram novas organizações de classe e outras foram reforçadas. Elevou-se a percentagem de sindicalização dos operários brasileiros. Novas organizações, de nível superior, surgiram.

Os ferroviários encontraram-se em abril no Rio de Janeiro e em julho em Santa Maria, R. G. do Sul — 2º e 3º Convenções Nacionais. O problema mais importante a ser debatido foi o da criação da Rede Ferroviária Federal, contra a qual se colocaram os trabalhadores. Trabalhadores cariocas e fluminenses reuniram-se em maio e junho, pela primeira vez, em Convenção e Congresso, do qual participaram algumas centenas de trabalhadores. Esses congressos se caracterizaram pelo expressivo comparecimento de dele-

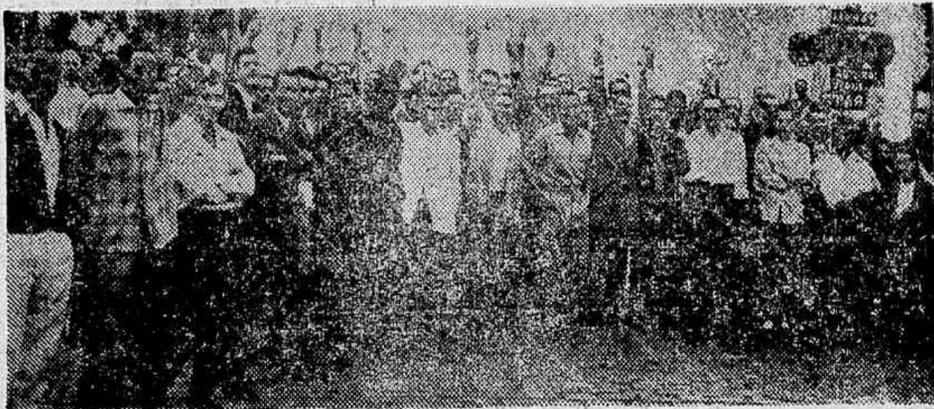
gados e pela enorme amplitude que em torno de sua preparação foi possível estabelecer.

Também os servidores públicos reuniram-se em novembro, na Capital da República, em torno da campanha nacional por uma classificação jus-

extensão da Legislação Trabalhista ao campo, a aprovação final pelo Senado, da nova Lei de Previdência Social, a revisão dos níveis de salário mínimo e o aumento geral de salários, a revogação do decreto 9.070 e a regulamentação do direito de greve, além de outras importantes ques-

novas orientações, democráticas e progressistas, na política interna e externa do Brasil, desempenharão os trabalhadores, sem dúvida, um papel decisivo.

Tudo indica, pois, a aproximação de novos e vigorosos embates mais amplos do que



Concentração de operários metalúrgicos do Distrito Federal, por ocasião da sua última greve, por aumento de salário.

ta e equânime. Em Minas Gerais e Espírito Santo, realizaram os trabalhadores em 57 o seu primeiro congresso estadual.

Como parte dos festejos comemorativos do 50º da ABL, realizaram os jornalistas seu VII Congresso Nacional, tribuna de debates de alguns dos problemas nacionais de maior vulto.

O resultado de todas essas realizações — e em grande parte o trabalho preparatório do IV Congresso Sindical Mundial, do qual participamos com numerosa delegação — foi o notável reforçamento do movimento sindical organizado. Duas novas Federações de bancários surgiram em consequência da luta salarial — isso permitira, agora, uma vez que já existem federações, a criação da Confederação Nacional dos Bancários. Surgiu a Federação dos Trabalhadores nas Minas; o primeiro sindicato brasileiro dos Trabalhadores na Indústria de Petróleo, na Bahia. Ainda em 1957, foi reconhecido o primeiro Sindicato Rural, na cidade baiana de Ilhéus, o que abre o caminho para a sindicalização em massa dos milhões de trabalhadores rurais existentes no Brasil.

## TAREFAS PARA 1958

Marcham os trabalhadores brasileiros, em 1958 para a conquista de novas vitórias. Algumas lutas iniciadas em 57 deverão prosseguir, pois nem tudo foram êxitos —

os travados no ano que findou. E nesses embates novos êxitos serão certamente alcançados.

Também na luta contra a carestia de vida e por uma

## CARROS «MOSKVITCH»



A Fábrica de pequenos carros de Moscou cumpriu o seu plano anual antes do prazo, em 1957. A foto mostra uma das suas produções: o carro «Moskvitch».

(FOTO TASS)

# Lutas Vitoriosas Travaram os Camponeses

Principais reivindicações que levaram os trabalhadores do campo à luta no ano de 1957 — A importância das Conferências e Congressos de lavradores realizadas no ano findo — Os camponeses tendem para maior organização e unidade. — Formas altas de lutas em Goiás e no Paraná — Suas experiências para o movimento camponês — Urge a realização de medidas de reforma agrária — As perspectivas de vitória para o ano de 1958.

O ANO, que findou, assinalou um vistoso avanço no movimento camponês em todo o país. Através das mais diversas formas de luta e pelas mais diversas reivindicações, milhares de lavradores, de norte a sul do país, se movimentaram. É claro que o movimento camponês ainda não abarca os milhões de trabalhadores do campo. Nisto, reside uma das suas principais debilidades. São de uma parte mais ativa do campesinato luta e se organiza, especialmente os setores mais combativos que são os assalariados agrícolas, colonos e posseiros. Entretanto, foi positivo o saldo deixado pelas lutas reivindicatórias no campo. Elas enriqueceram com novas experiências o movimento camponês e deixaram patente a todos a necessidade de serem aliadas as reivindicações dos trabalhadores do campo, de um lado, e de outro, a certeza de que os camponeses não ficarão indiferentes na arena das lutas econômicas e políticas.

## PRINCIPAIS REIVINDICAÇÕES QUE LEVARAM OS TRABALHADORES DO CAMPO À LUTA

Não foram poucas as reivindicações levantadas durante o ano de 1957 pelos trabalhadores do campo. Na sua maioria estas reivindicações eram direitos já consubstanciados por lei mas negados pelos patrões.

Nas fazendas de café e usinas de açúcar de São Paulo e nas fazendas de café do Paraná, o movimento dos colonos e assalariados se fez, de modo geral, em torno à aplicação da Lei que instituiu o salário-mínimo e pela aplicação de alguns artigos da Legislação Trabalhista, tais como: repouso semanal remunerado, férias, redução da jornada de trabalho etc. Em muitos casos, suas lutas foram parcialmente vitoriosas. Tanto no interior de São Paulo como no norte do Paraná, muitos fazendeiros se viram forçados a fazer algumas concessões aos colonos.

De modo geral, no que se refere aos assalariados agrícolas, quer nos Estados acima citados, quer em outras regiões, como Estado do Rio, Espírito Santo, Bahia ou Pernambuco, a bandeira reivindicatória predominante foi, sem dúvida nenhuma, o aumento de salário. Esta bandeira, continuará desfraldada por todo o ano de 1958, visto que se agrava a situação econômica dos trabalhadores rurais.

Outra reivindicação que mobilizou grande número de camponeses neste ano que se encerrou, foi a defesa da posse da terra contra os assaltos dos grileiros. Frequentes casos surgiram no Maranhão, no Pará, em Minas Gerais etc. Mas esses casos tomaram caráter particularmente violento, no sudoeste do Paraná.

## CONFERÊNCIAS E CONGRESSOS DE CAMPONESES

A necessidade de debaterem estas e outras reivindicações



Posseiros do sudoeste do Paraná empunhando armas em defesa da terra.

levou a que se realizassem, nos mais diversos pontos do país, encontros de trabalhadores agrícolas. Entre as conferências realizadas, podemos assinalar pela sua importância

a Conferência dos Posseiros de Campo Mourão, no Paraná, realizada em junho, reunindo representantes de mais de 10 mil posseiros. A resolução central dessa Conferência foi reivindicar do governo paranaense, o título de suas posses ao mesmo tempo que denunciar as ameaças de despejo por parte dos grileiros.

Teve grande importância para o movimento do ano de 1957, a realização em Belém, da III Conferência de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Pará. A importância desse conclave estava não só no Temário que serviu de base às discussões, e a Declaração de Princípios aprovada pela Conferência. Ela está também na mobilização de camponeses. A fase de preparação da Conferência foi de intensa mobilização de massa, através de palestras, assembleias e conferências locais. Milhares de trabalhadores debateram seus problemas e sal-

ram da Conferência mais fortes e melhor organizados.

Igual valor teve o I Congresso dos Trabalhadores Agrícolas realizado em novembro último em Vitória, no

Estado do Espírito Santo. Durante 3 dias, mais de duas centenas de assalariados, pequenos e médios proprietários, arrendatários, posseiros etc., discutiram suas reivindicações mais imediatas, tomaram resoluções e fundaram a sua organização de âmbito estadual.

O I Congresso dos Lavradores do Espírito Santo foi um exemplo pela amplitude alcançada, sobretudo pelo apoio de massa de que se revestiu.

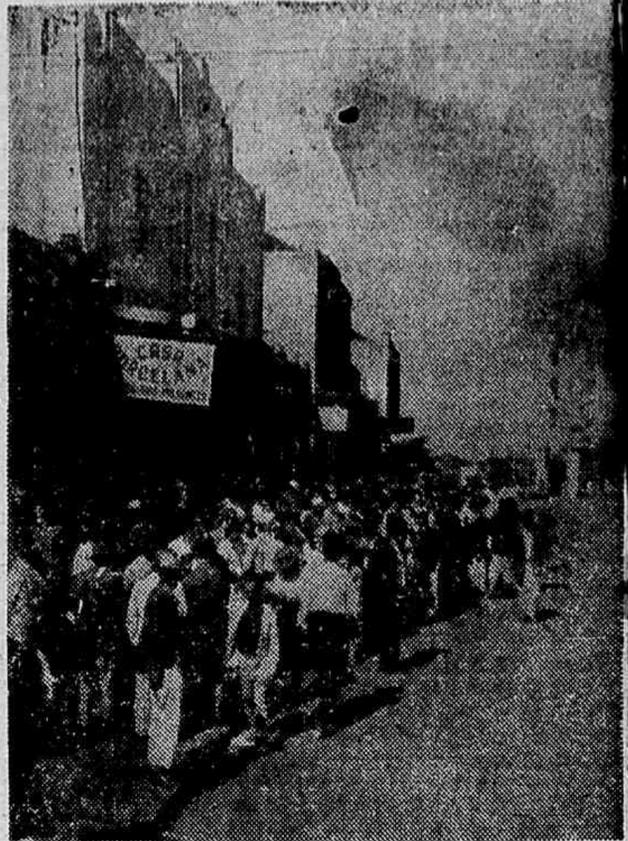
Um aspecto que deve ser valorizado na realização desses conclaves foi a ajuda da classe operária na sua preparação, dando-nos um exemplo de como se forja a aliança operário-camponesa. Nesse aspecto, podemos dizer que o ano de 1957 registrou um importante avanço.

## TENDEM OS TRABALHADORES DO CAMPO PARA MAIOR ORGANIZAÇÃO E UNIDADE

É evidente no movimento camponês brasileiro, sua tendência à organização. No ano recém-findo não só se organizaram algumas associações de âmbito estadual, exemplo do Pará e do Espírito Santo, como surgiram inúmeras associações de âmbito municipal, abrangendo centenas e até milhares de lavradores. No Estado do Maranhão, diversas dessas associações têm sido organizadas.

No que se refere aos assalariados agrícolas e colonos, relevantes conquistas foram obtidas no setor da organização. Os sindicatos rurais se fortaleceram à base da luta por melhores contratos e no combate à desumana exploração existente nos cafezais, nas usinas de açúcar, nos plantios de cacau e de fumo. Hoje, os assalariados e colonos sentem melhor o valor da organização e da unidade para a conquista das suas reivindicações.

Uma grande conquista dos assalariados e colonos foi, sem dúvida, o reconhecimento, pelo Ministério do Trabalho, do Sindicato de Trabalhadores rurais de Ilhéus e Itabuna, no Estado da Bahia, fato que abre o caminho para o reconhecimento de uma série de outros sindicatos rurais. Ao mesmo tempo, esse reconhecimento golpeia fortemente mais um argumento da reação, servindo aos grandes fazendeiros, que afirmam serem os sindicatos de trabalhadores agrícolas, ilegais.



Colonos do norte do Paraná em frente ao seu Sindicato, em Londrina, num dia de Assembléia.

## AS FORMAS MAIS ALTAS DE LUTAS

Defendendo os seus direitos e reivindicações, os trabalhadores do campo muitas vezes tiveram que recorrer às formas de lutas mais altas. Algumas greves foram registradas em fazendas de café. Entretanto, as lutas mais radicais no campo se verificaram em Formoso, no Estado de Goiás, e no sudoeste do Paraná, sobretudo nesta última localidade, onde durante mais de dois meses os posseiros tiveram de trocar os instrumentos de trabalho pelas armas.

Em Formoso, onde cerca de 4.000 posseiros estão em luta contra os grileiros que querem se apoderar das terras em que eles trabalham já há mais de três anos, constituiu uma vitória o fato terem sido derrotadas em março e abril do ano passado mais duas investidas dos grileiros mantendo os camponeses em suas mãos, as terras em que trabalham.

As lutas camponesas no sudoeste do Paraná constituíram não somente o fato mais importante do ano dentro do movimento camponês, mas se converteram num acontecimento de repercussão nacional, obrigando a que dele se ocupassem, diariamente o governo, o Congresso Nacional, a imprensa e a opinião pública do país.

As lutas camponesas no sudoeste do Paraná, pela violência de que se revestiram pelas causas que lhes deram origem, foram um grito de alerta dirigido aos governos,

no sentido de que sejam tomadas medidas de reforma agrária, principalmente no que diz respeito às terras devolutas, dando títulos de posse a quem as trabalham. Esse seria o justo caminho para acabar com os conflitos entre os camponeses e grileiros, além de constituir uma medida de grande alcance social.

As lutas do sudoeste paranaense revelaram, ao Brasil inteiro, de que são capazes os camponeses quando se dispõem a defender os seus direitos. Em geral, com armas rudimentares, os posseiros do Paraná derrotaram, numa vasta e rica região do Estado, as forças aguerridas do governador grileiro, Moisés Lupion. Não obstante a enorme área em que se travou a luta, a unidade de ação entre os camponeses foi um dos fatos que a todos empolgou.

Os conflitos entre posseiros e grileiros verificados nos diversos pontos do país durante o ano de 1957, podem se repetir em 1958 com maior força, de vez que, as causas que os originaram não foram superadas. Nem os governos estaduais, nem o governo federal procuram solucionar o problema e em muitos casos, fecham os olhos às violências contra os camponeses; até delas tomam parte, como é o caso do governador do Paraná.

## URGE A REALIZAÇÃO DE MEDIDAS DE REFORMA AGRÁRIA

É cada vez mais evidente para todos os brasileiros, a (CONCLUI NA 11ª PÁGINA)



A unidade e a vigilância dos posseiros de Formoso, tem sido o fator das suas vitórias sobre os grileiros.



Lavradores de Bragançana quando chegaram a Belém, para a III Conferência dos Lavradores e Trabalhadores agrícolas do Pará.

(Conclusão da Pag. Central)
lizadas entre o governo brasileiro e os da Polónia e da Tchecoslováquia, visando a renovação de seus acordos comerciais. Aquelas nações socialistas desejam, para este ano, aumentar de 2 a 3 vezes o volume de suas trocas com o Brasil.

4 - O QUE REPRESENTA COMERCIALIZAMOS COM A URSS

Se nossas trocas comerciais com aqueles poucos países socialistas têm sido vantajosas de parte a parte, e aqueles países têm contribuído com suas poderosas indústrias para o nosso desenvolvimento, e vêm representando bons mercados consumidores para os nossos produtos de exportação, que poderíamos esperar comercializando com a União Soviética, a República Popular da China e demais países socialistas?

UM GRANDE MERCADO

A União Soviética, com seus 240 milhões de habitantes de elevado poder aquisitivo, e seu poderoso parque industrial só superado pelo dos Estados Unidos, constitui um mercado de possibilidades inesgotáveis. Grandes são as possibilidades de importação de bens de consumo para aquela enorme massa humana, e de matérias-primas para alimentar o seu parque industrial moderno e em pleno desenvolvimento. Por outro lado, a União Soviética está em condições de exportar bens de investimentos indispensáveis à industrialização de países como o nosso, em condições que não podem ser oferecidas por outro qualquer país.

Se, no momento, não representa a URSS papel saliente no conjunto do comércio internacional, como era de esperar-se, deve-se à própria União Soviética. Não podemos esquecer que, logo após a segunda guerra mundial, o imperialismo norte-americano decretou (e exigiu cumprimento por parte dos países ocidentais) terrível bloqueio econômico a todo o campo socialista, particularmente à URSS e à China Popular, impedindo ou restringindo ao máximo o intercâmbio comercial com aqueles países. Como importante dispositivo de sua política de «guerra fria» e de preparação de um novo conflito mundial, isto é o que jornais como o «Diário de Notícias», por ser bem pago pela embaixada americana, faz por onde esquecer na elaboração de suas polidas matérias de provocações contra o reatamento de relações comerciais entre Brasil e a URSS.

EXEMPLOS DA ASIA E AFRICA

Ai estão os exemplos de países asiáticos e africanos, como a Síria, Egito, Índia e tantos outros que, rompendo com as imposições do governo dos Estados Unidos, têm se beneficiado com o estreitamento de suas relações com a grande pátria do socialismo. Grande tem sido a contribuição, em condições inimitáveis por qualquer país capitalista, que a União Soviética tem prestado ao desenvolvimento industrial daqueles países, exportando, montando, pondo em funcionamento instalações industriais completas. Ao mesmo tempo, a URSS vem importando, daquelas nações, suas mercadorias tradicionais de exportação.

São relações comerciais de tipo completamente novo, desconhecido, as que a União Soviética estabelece com os países atrasados. Como país socialista, a União Soviética tem obrigação e sente satisfação em ajudar aos outros povos a se desenvolverem e progredirem. Ainda agora, na Conferência de países afro-asiáticos que está sendo realizada no Cairo, da qual participam 46 nações, o representante da União Soviética declarou:

«Podemos construir em vosso território uma usina ou um sistema de transportes, um centro de pesquisa ou uma universidade, um hospital ou um instituto cultural. Podemos enviar-vos os nossos especialistas para estudar os vossos problemas e podeis enviar os vossos especialistas às nossas empresas e aos nossos centros de pesquisas. Fazei o que vos parecer melhor em vosso interesse. Dizel-nos quais as vossas necessidades e estaremos prontos a dar qualquer assistência, seja por intermédio de créditos, auxílio técnico ou qualquer outro meio.»

Tal política preconizada pela URSS, e já em realização com vários países, não é acompanhada de imposições de ordem política ou de qualquer espécie, como sóe acontecer com a «ajuda» norte-americana.

«Não queremos lucros, nem privilégios, nem participação na administração, nem concessões, nem matérias-primas declaradas ou representando sócio-técnicas. Não vos pedimos que participeis de bloco algum, que mudeis o vosso governo ou modifiqueis a vossa política interna ou externa. Vimos auxiliar-vos como um irmão auxilia outro irmão, sem interesse algum.»

CHEGOU A VEZ DO BRASIL

E' chegado o momento do Brasil usufruir também, como estão fazendo diversos países da Ásia, África e Europa, das vantagens oferecidas pela União Soviética aos países atrasados e que lutam com mil e uma dificuldades para realizarem o seu desenvolvimento industrial.

Em recente entrevista a jornalista brasileira, Nikita Kruschov afirmou que a União Soviética está em condições de vender ao Brasil todos os tipos de máquinas e instalações que lhe interessam, em particular maquinaria para perfuração de poços de petróleo, refinarias de petróleo, instalações eletro-energéticas, tornos, máquinas para a construção de estradas, diferentes aparelhos e instrumentos, meios de transporte, incluídos navios etc.

Em contra-partida, declarou o 1º secretário do PCUS, a União Soviética poderia comprar ao Brasil, em condições de intercâmbio mútuo de mercadorias, café, cacau, couro, açúcar, algodão e outras mercadorias brasileiras.»

5. - Reatamento de relações, imperativo da hora presente

A ampliação do nosso comércio exterior, e muito especialmente o restabelecimento do nosso comércio com a União Soviética, República Popular da China e demais países socialistas, é um imperativo da hora presente. Daí não constitui surpresa alguma que se avoumem em todo o país as vozes dos que reclamam esse restabelecimento, desde as organizações representativas da indústria, comércio e agricultura nacionais, até as Assembléias Legislativas dos Estados mais importantes, e Câmaras Municipais de diversas cidades.

Não é mais possível tergiversar em assunto de tal magnitude, nem se pode dar crédito a interferências extemporâneas, contra tal reatamento, como a do Cardinal de Jaime Câmara. Os Estados Unidos, a Inglaterra e a França, os mais representativos países da chamada «civilização ocidental» mantêm e ampliam suas relações comerciais e diplomáticas com a União Soviética. Por que o Brasil também não poderá fazer o mesmo? Se tais relações não ameaçam a segurança daqueles grandes países, como é em que medida poderão efetuar a segurança nacional como apreço a meia dúzia de impertinentes advogados dos interesses

dos norte-americanos em nossa pátria?

«No isto não bastasse para aplacar as preocupações de quem de museu, indevidamente colocada no Itamaraty, que é o chanceler Macedo Soares e por de cara no chão a mercadoria da pena como Pedro Dantas, ali estão os exemplos de nossas relações com a Polónia, Tchecoslováquia, Iugoslávia e Hungria, países socialistas como a União Soviética. Em que tais relações têm prejudicado ou ameaçado a segurança nacional?»

O ENCONTRO DE PRESTES...

(CONCLUSAO DA 4a PAG.)

e fins da nossa atividade prática, mas também das soluções que a ciência marxista apresentava para os problemas sociais do nosso tempo. Devo hoje acrescentar que, ao dizer-lhe estas coisas, eu guardava a esperança de que Prestes, ao tomar conhecimento direto das idéias marxistas, não demoraria em compreender que elas exprimiam a verdade do presente e do futuro. Sua inteligência, sua honradez, sua experiência pessoal no contato com o povo e os problemas brasileiros fariam o resto. Os fatos demonstraram que eu não me enganava.

LUTAS VITORIOSAS...

(CONCLUSAO DA 10a PAG.)

Como se desenvolve o problema das posses não foi percebido, sobretudo nos casos do Paraná e Foz de Iguaçu, em Goiás. Os grileiros, as companhias imobiliárias e seus capangas permanecem como uma grave ameaça à vida e a segurança de grande parcela da população camponesa;

De há muito estão maduras para a realização de uma reforma agrária. Desde já tem consciência amplos setores da sociedade brasileira. Não são poucas as declarações nesse sentido, feitas por parlamentares, chefes de governos estaduais, prefeitos, sociólogos, líderes de partidos, sacerdotes, etc. A opinião pública nacional reclama tal medida, como de salvação nacional. A classe operária acolheu como uma das suas reivindicações programáticas. Enfim, a crise em que se debate o país com dolorosas consequências para toda a nação, está a reclamar a realização da reforma agrária para que se dê livre curso o progresso e ao bem-estar para o nosso povo.

Em recente discurso pronunciado no Instituto Superior de Estudos Brasileiros, o general Lott, Ministro da Guerra, teve a oportunidade de chamar a atenção, mais uma vez para esse problema, acenando a necessidade urgente de sua aplicação.

Entretanto, uma minoria de latifundiários mais reacionários se opõe a qualquer medida, por menor que seja, que venha beneficiar as amplas massas trabalhadoras do campo.

Um exemplo disso são os inúmeros projetos de reforma agrária que transitam pelo Congresso Nacional, sem que sejam aprovadas. Até mesmo um projeto de lei que visava estender aos trabalhadores do campo, os benefícios da Legislação Trabalhista já existente, foi derrotado. Não resta dúvida que fôlhou ao referido projeto um apoio de massa, quando do processo de discussão e votação no Congresso, mas está claro que as forças reacionárias ainda contam com poderosos recursos dentro da Câmara e do Senado para entravar medidas progressistas como aquela.

(CONCLUSAO DA PAG. 3)

13 de março caiu o gabinete progressista de Ali Sastroamidjojo, mas logo a seguir o presidente Sukarno tornou público o seu plano de unidade nacional, o «conceito Sukarno», criou o Conselho Nacional, com representantes de todos os partidos, inclusive o Partido Comunista, dos Sindicatos Operários,

ram que eu não me enganava. E creio justo afirmar que a entrevista realizada na pequena cidade fronteiriça de Puerto Suarez (2) teve uma significação de extraordinário alcance: foi o encontro do Chefe da revolução brasileira com a teoria que lhe faltava — a teoria marxista, de que era portador o enviado do P. C. B.

- (1) As vezes em situação de semi-legalidade, como ocorreu em certo tempo nos anos de 1923 e 1924.
(2) E não em La Gualba, como se tem dito e repetido, inclusive na Voz Operária da semana passada.

COMO SE DESENVOLVE O ACONTECIMENTO EM 1958

Dentro do quadro atual, econômico, político e social, que se desenvolve no Brasil, cremos não ser demais dizermos que o ano de 1958 poderá assinalar no campo, lutas maiores do que as havidas no ano que se encerrou. Chegamos a essa conclusão entre outras, pelas seguintes razões:

- 1) O problema das posses não foi percebido, sobretudo nos casos do Paraná e Foz de Iguaçu, em Goiás. Os grileiros, as companhias imobiliárias e seus capangas permanecem como uma grave ameaça à vida e a segurança de grande parcela da população camponesa;
2) toma conta, cada vez mais, da opinião pública, a consciência da necessidade da realização imediata de uma reforma agrária, são cada vez mais chocantes as relações de produção semi-feudais no campo, com o capitalismo que se desenvolve;
3) acha-se no Congresso Nacional um novo projeto de lei que estende ao campo a Legislação Trabalhista bem como alguns projetos de reforma agrária. Sem entrarmos na apreciação do conteúdo desses projetos, estar os certos de que, eles poderão servir de base para ampla movimentação dos camponeses.
4) a carestia de vida em ascenso em todo o país, as miseráveis condições de trabalho e a resistência dos patrões no campo a respeitarem a Lei do salário-mínimo, aguçarão, sem dúvida nenhuma, as lutas nas fazendas e usinas.
5) Os êxitos obtidos pelos trabalhadores do campo em suas lutas no ano de 1957 podem ser acrescidos no ano que se inicia. As condições políticas por que atravessa o Brasil nos indicam que, se lutarmos com persistência, muitas reivindicações que em 1957 nos foram negadas, poderão neste ano ser conquistadas.

Ligas Camponesas, e organizações de massas; e organizou o «gabinete técnico» Djundia. Com isso consolidaram-se as forças populares e nacionalistas na Indonésia, e o governo pôde resistir com eficiência aos golpes e provocações. Nos meses que se seguiram, o povo indonésio respondeu aos imperialistas dando ao Partido Comunista o primeiro lugar na ilha de Java, através das eleições locais. Em dezembro, logo após a segunda tentativa contra a vida de Sukarno, o povo indonésio deu novos e decisivos passos para a sua completa independência não só política como econômica. As empresas imperialistas holandesas e os latifundiários holandeses foram ocupados pela classe operária e entregues ao governo, que, unido a todo o povo, defende com firmeza a soberania do Irã Ocidental e a soberania do país.

Novas nações soberanas que surgem - A situação na Argélia

Durante o ano de 1957 foi proclamada a república da Tunísia, com a destituição do «bey», servil dos imperialistas franceses. Um novo Estado surgiu na África Ocidental — Ghana, antiga Costa de Ouro, colônia britânica. A Federação Malaia conquistou relativa autonomia, dentro da «Commonwealth» britânica. A jovem nação de Ghana já se encaminha rapidamente, tal como se deu em 1956 com o Ceilão, para uma política externa de paz e independência. Na Federação Malaia, o partido governamental, simples «testa de ferro» dos imperialistas britânicos, começa a ter os primeiros reveses.

Continua no entanto a brutal guerra dos imperialistas franceses contra os patriotas da Argélia, que lutam pela independência de seu país. Dois gabinetes franceses caíram durante o ano, por causa dessa guerra — os de Guy Mollet e Bourges-Maunoury. No entanto, o terceiro gabinete, de Felix Gaillard, mantém no fundamental a mesma política reacionária e colonialista dos seus antecessores. A guerra da Argélia é um dos fatos negativos de 1957, mantendo um perigoso foco de tensão e sacrifício de milhares e milhares de vidas de patriotas argelinos e de soldados franceses, na defesa de um colonialismo cada vez mais irremediavelmente condenado. O mais importante é que o imperialismo francês, apesar de todo o seu poderio, não conseguiu dominar o grandioso movimento argelino de libertação nacional.

O movimento pela paz

Importantes foram em 1957 os pronunciamentos de forças e personalidades sobre o problema da paz e da condenação das armas nucleares. Basta recordar o pronunciamento do Papa em 23 de abril, o de Sewelzer, o dos cientistas alemães, seguido pelos cientistas norte-americanos e o do Conselho Mundial das Igrejas. Revestiu-se de extraordinária importância, por sua amplitude, e pela expressiva participação das nações afro-asiáticas, a reunião realizada em Colombo em junho, pelo Conselho Mundial da Paz. O apelo de Colombo e as outras reuniões aliadas impulsionaram bastante o movimento da paz em diversos países como por exemplo na Alemanha Ocidental, onde os protestos contra a rearmamentagem e o armamento atômico do país repercutaram na atitude de Adenauer na reunião da OTAN em Paris, em dezembro último. Também tiveram papel importante na luta pela paz o III Congresso, contra as Bombas A e H e pelo Desarmamento realizado em Tóquio em agosto, e a reunião dos movimentos da paz dos países europeus membros da OTAN, realizada em Paris às vésperas da sessão extraordinária desta organização.

licas, a reunião realizada em Colombo em junho, pelo Conselho Mundial da Paz. O apelo de Colombo e as outras reuniões aliadas impulsionaram bastante o movimento da paz em diversos países como por exemplo na Alemanha Ocidental, onde os protestos contra a rearmamentagem e o armamento atômico do país repercutaram na atitude de Adenauer na reunião da OTAN em Paris, em dezembro último. Também tiveram papel importante na luta pela paz o III Congresso, contra as Bombas A e H e pelo Desarmamento realizado em Tóquio em agosto, e a reunião dos movimentos da paz dos países europeus membros da OTAN, realizada em Paris às vésperas da sessão extraordinária desta organização.

O Congresso pelo Desarmamento e pela Cooperação Internacional, convocado para junho próximo pelo Conselho Mundial da Paz está desenhado a dar um novo e grande impulso à luta pela paz.

Os imperialistas continuam impedindo um acordo de desarmamento, apesar das sucessivas propostas apresentadas pela União Soviética, não só na sua comissão de desarmamento, como na Assembléia Geral da ONU e nas cartas de Bulgária aos governos dos países membros da OTAN, em dezembro último. Em lugar de aceitar um acordo parcial e a proibição das armas nucleares e de suas experimentações, os imperialistas traçam cada dia novos planos belicistas e armamentistas. Começando com a nomeação do general nazista Speidel para o comando das forças de terra da OTAN na Europa Central, em fevereiro, essas manobras culminaram com o projeto de estocagem de armas nucleares na Europa e de construção de rampas para lançamento de foguetes de alcance médio, dirigidas contra o território da União Soviética, também em países da Europa. Apesar das graves consequências surgidas na reunião da OTAN e da repercussão das propostas de desarmamento de Bulgária em várias delegações presentes, os imperialistas norte-americanos conseguiram fazer aprovar o plano em princípio, e receberam o oferecimento da Itália e da Turquia para a construção de rampas em seus territórios. Com esse plano os imperialistas norte-americanos pretendem superar, pelo menos em parte, a sua inferioridade no terreno dos foguetes intercontinentais, e a superioridade técnica e científica revelada pela União Soviética com o lançamento dos «cupinéis», seguido do espetacular fracasso do «cavalo» no cabo Canaveral. Ao lado dos grandes êxitos das forças da paz e do campo do socialismo vemos portanto que subsistem perigos reais, que não devem ser subestimados. As forças da paz os encaram no entanto com seriedade, certas de que, se se mantiverem vigilantes e ativas, poderão impedir a guerra. O ano de 1958 apresenta-se assim como o ano em que é imperioso que algum progresso substancial se faça no caminho do desarmamento e do alívio da tensão internacional.

# O ESSENCIAL É POR FIM À GUERRA NA ARGÉLIA

☆ Importante entrevista concedida por Maurice Thorez, secretário geral do Partido Comunista francês, ao jornal italiano «Vie Nuove».

☆ A salvação da França está num governo de esquerda.

☆ A idéia da unidade ganha as massas trabalhadoras e abre caminho no seio do Partido Socialista.

☆ A Argélia é uma nação formada com direito à independência.

A revista italiana «Vie Nuove» publicou, em sua edição de 16 de novembro, uma entrevista concedida pelo secretário-geral do Partido Comunista Francês, Maurice Thorez, a respeito de importantes problemas da política nacional francesa:

Publicamos abaixo a íntegra desse pronunciamento do destacado dirigente comunista.

**PERGUNTA** — Qual é a sua opinião sobre a situação geral, econômica e social da França, sobre o desenvolvimento das lutas das massas trabalhadoras, dos operários e camponeses? Quais são as perspectivas de uma transformação da política?

**RESPOSTA** — O fato dominante da situação atual na França é o desenvolvimento do movimento de massas, principalmente a amplitude das greves, em todas as categorias.

Depois das manifestações de 3 de outubro, dos trabalhadores em construção civil e dos metalúrgicos, depois da jornada de luta dos trabalhadores do gás e da eletricidade, que paralisaram os transportes e a produção industrial, no dia 16 de outubro, milhões de operários e de empregados participaram da greve de 25 de outubro. Basta recordar que naquele dia a suspensão do trabalho foi quase total nas ferrovias bem como no metropolitano e nos ônibus de Paris, nos correios e telégrafos de todos os grandes centros e nas linhas aéreas, a partir do meio dia Centenas de milhares de metalúrgicos suspenderam o trabalho por 24 horas; o mesmo fizeram os trabalhadores em construção civil etc.

Pouco antes haviam-se realizado importantes demonstrações dos camponeses, reunindo em certas zonas cerca de 20.000 trabalhadores bastante combativos.

Esse movimento poderoso indica o aguçamento das contradições de classe em nosso país, sob a influência de dois motivos principais.

De um lado, a guerra na Argélia custa à França, além dos sacrifícios de vidas humanas, um encargo financeiro que os próprios especialistas oficiais avaliam em 700 bilhões de francos por ano e que, na realidade, atinge provavelmente a 1.000 bilhões. A burguesia busca descarregar sobre os ombros dos trabalhadores esse fardo insustentável.

De outro lado, após a exclusão dos comunistas do governo, ocorrida já há 10 anos, a política de participação no agressivo bloco atlântico aumentou de maneira considerável as dificuldades financeiras e econômicas do país. É evidente, por exemplo, que a manutenção de um exército de 1.200.000 homens é inteiramente desproporcional aos meios de que dispõe a França. Como disse um dia o ex-presidente do Conselho, René Pleven, os governantes preferiram sistematicamente as pistas

de decolagem para os bombardeiros americanos e outras despesas do mesmo gênero, à construção de residências e de escolas, à melhoria e mesmo à manutenção do nível de vida anterior dos trabalhadores.

Em consequência da política seguida pela burguesia, a França está em guerra há quase 20 anos, sem interrupção.

Em virtude da inflação devida às exigências bélicas, à desvalorização da moeda e ao aumento dos preços, o nível de vida dos trabalhadores diminuiu sem cessar.

Nos últimos tempos, o agravamento da chamada política européia, em virtude do fato da adoção dos projetos do «mercado comum europeu» e do «Euratom», acentuou o significado e os efeitos antipopulares da orientação imprudente aos negócios públicos.

A dificuldade que daí brota refletiu-se igualmente na crise ministerial de outubro. Essa crise é uma prova da falência completa da política argelina dos círculos dirigentes. A crise teve uma duração excepcional, revelando os obstáculos sempre maiores com que se choca a burguesia, para realizar sua política, oposta aos interesses do povo e do país.

É tanto mais necessário encontrar uma solução para o conflito na Argélia quanto a questão está por ser discutida no seio da ONU. O governo francês deverá apresentar à assembléia uma decisão ou, ao menos, um plano preciso. A política de guerra na Argélia não arruina apenas as finanças e a economia da França, mas também o seu prestígio internacional.

Existe um único meio de sair de uma situação tornada intolerável: mudar a política, orientar-se para a esquerda. Todos os esforços do Partido Comunista francês tendem a tornar possível e próxima essa transformação.

É por isso que a 6 de outubro, quando se iniciou a crise ministerial, nós nos voltamos para os progressistas, para o Partido socialista, para a UDSR, os independentes de ultramar e aos vários grupos radicais, propondo-lhes uma reunião

comum para examinar os meios que permitam chegar à formação de um governo de esquerda, baseado na maioria de 2 de janeiro de 1956 e capaz de resolver o problema essencial do momento, ou seja, pôr fim à guerra na Argélia.

Com essa iniciativa, nós não exigimos dos outros partidos que aderissem inteiramente à posição comunista quanto ao modo de resolver de maneira radical a questão da Argélia. Nós esclarecemos que não se trata de aplicar nesse terreno o programa comunista, nem mesmo o programa deste ou daquele partido de esquerda. É necessário elaborar um acordo que, conduzindo à paz, corresponda aos interesses da nação.

Nosso Comitê Central renovou suas propostas de unidade, naquela base, ao Partido socialista e a seu secretário geral Guy Mollet, no último dia 23 de outubro.

Essa política recebe a entusiástica aprovação dos trabalhadores. Através de milhares de manifestações públicas e de comícios, que caracterizaram a jornada grevista do dia 25, a reivindicação do aumento salarial foi sempre acompanhada de duas outras palavras-de-ordem: «Paz na Argélia» e «Por um governo de progresso e de paz».

**PERGUNTA** — Quais são os progressos da política de unidade de ação com os trabalhadores socialistas e católicos, no quadro das reivindicações sociais e políticas?

**RESPOSTA** — A iniciativa tomada pelo Partido Comunista francês corresponde aos progressos seguros da causa da unidade da classe operária e, em escala mais vasta, das massas populares.

O êxito de uma solução de esquerda depende em grande medida do Partido Socialista. É um fato que a sua direção se obstina em repelir a criação de uma frente única, mas é um fato também que a idéia da unidade obtém progressos contínuos no seio daquele partido.

Essa idéia se traduz em fatos. Cada dia se registra um grande número de declarações e ações comuns de deputados e de outros militantes de ambos os partidos.

No seio do Partido Socialista se desenvolve nitidamente a oposição à direção atual, a tendência favorável à paz na Argélia, a exigência de um governo que se apoie numa maioria de esquerda, sem preconceitos contra ninguém.

É significativo que no

Consejo Nacional do Partido Socialista, reunido em setembro último, as sanções contra os deputados do Partido que, no dia 19 de julho, haviam-se recusado a obedecer à sua direção e a pronunciar-se pela extensão dos poderes especiais, foram aprovadas por apenas 1804 votos contra 1717, com 238 abstenções e 153 ausentes. Em outros tempos, as sanções foram aprovadas apenas por 46% dos votos representados.

Não existe uma única federação departamental do Partido socialista em que as novas idéias não abram caminho, mais ou menos corajosamente.

Foi um ex-ministro socialista que publicou agora, contra a direção do partido, um livro intitulado «Le socialisme trahi» (O socialismo traído).

Ao mesmo tempo, malgrado a oposição da direção da CGT-Fôrça Operária, pode-se constatar grandes progressos da unidade entre os operários das várias organizações sindicais e entre essas mesmas organizações. As greves se desenvolvem sob a bandeira da ação comum.

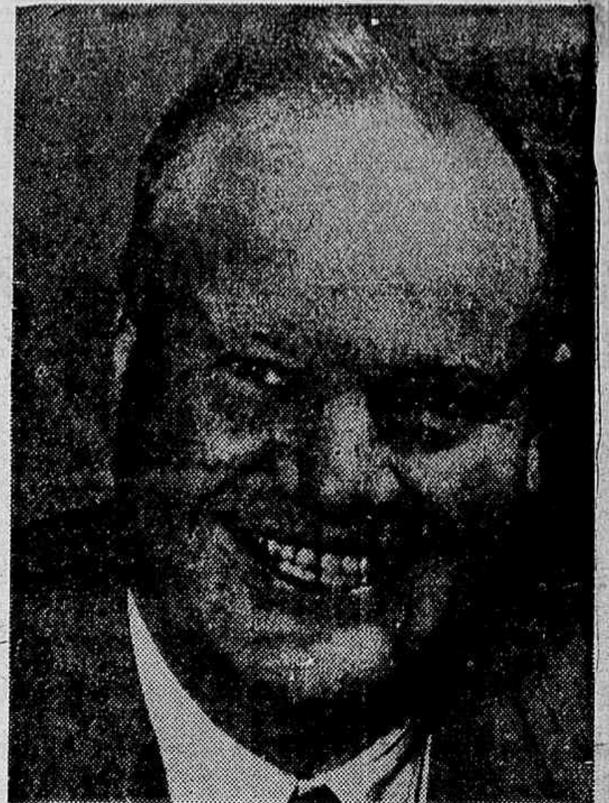
Para a jornada do dia 25, a direção confederativa da Fôrça Operária havia dado, à maior parte das categorias, a palavra-de-ordem de não participar da greve, mas os seus próprios grupos, desde os sindicatos de base até as uniões sindicais departamentais e às federações de categoria, adotaram direção oposta.

A Confederação Francesa dos Trabalhadores Cristãos esteve ao lado da CGT nos grandes movimentos recentes.

Uma novidade notável é a participação das organizações de técnicos, nas greves. Isso ocorreu particularmente na greve do gás e da eletricidade, durante a qual não se encontrou um só engenheiro para assegurar uma ligação mínima.

**PERGUNTA** — Que solução indicam para o problema argelino? Que possibilidades existem para resolver esse problema, no interesse da nação francesa?

**RESPOSTA** — A guerra da Argélia é o problema essencial da atual política francesa. Os políticos da burguesia e os dirigentes do Partido socialista se esforçam em vão, constantemente, para fugir a ele e colocar no primeiro plano as dificuldades econômicas e financeiras. Todos compreendem que essas dificuldades, embora muito reais, não são senão uma consequência do fato dominante, ou seja, da continuação e do agravamen-



Maurice Thorez, Secretário Geral do Partido Comunista Francês

to do conflito armado com o povo argelino.

Como partido, possuímos idéias muito claras. Há vinte anos já reclamávamos a atenção para esse fato realmente essencial da situação de então, ou seja, sobre a circunstância de que a nação argelina estava se formando, na base dos vários grupos étnicos existentes no país.

Hoje, o problema é o mesmo: a nação argelina está formada. Ela se forja a cada dia, nos combates pela libertação. Desde o início da atual guerra, havíamos dito que se devia reconhecer o direito dessa nação à independência e à igualdade e, nessa base, era necessário que se concluísse entre ela e a França, através de negociações livres, acordos vantajosos para ambas as partes.

No entanto, levamos em conta o fato de que a posição comunista não coincide com aquela de certo número de elementos responsáveis e de partidos que, todavia, desejam os tratados e a paz na Argélia.

De fato, a tendência favorável à paz se desenvolve em todos os partidos, com exce-

ção da camarilha dos ultracolonialistas e dos aproveitadores da guerra, para os quais a Argélia é a França.

A posição mais reacionária é adotada pelos dirigentes do Partido socialista, por homens como Guy Mollet, Robert Lacoste e Max Lejeune. Esses dirigentes elaboraram para a Argélia uma «lei quadro» que, segundo as palavras de Lacoste aos jornalistas da Argélia, excluiria uma forma embrionária qualquer de poder executivo e de poder legislativo, para um Estado argelino independente, e tornaria de competência exclusiva da França todo atributo de soberania na Argélia. Os líderes do Partido socialista estão inteiramente de acordo com um extremista do imperialismo e da repressão, como Soustelle, a quem Guy Mollet havia oferecido, no governo que preparava nos últimos dias, a pasta da Defesa Nacional.

Enquanto em todos os outros partidos já se define, mais ou menos a idéia de que se deve fazer qualquer coisa pela paz, os dirigentes socialistas assumem a responsabilidade mais pesada pela continuação da guerra.

Não se pode na verdade esquecer que foi um governo socialista que desencadeou, há um ano atrás, a agressão em Suez, de pleno acordo com o governo conservador da Grã-Bretanha. Como se sabe, essa provocação foi condenada por todos os partidos socialistas do mundo; e foi isso que levou um dirigente da oposição de esquerda, no partido socialista, o ex-presidente do grupo parlamentar desse partido — Edouard Depreux — a dizer que não se sentia realmente isolado, porque tinha a seu lado toda a Internacional.

A pressão contra a política de guerra da direção, se intensifica dia a dia no Partido Socialista. Ela é dirigida por homens como Gaston Defferre, ex-ministro dos territórios de ultramar, que protestou publicamente contra a recusa dos governantes em responder às últimas propostas da Frente de Libertação Nacional argelina, por acordo imediato.

O progresso das idéias é análogo no partido radical e é ainda maior entre os católicos, impressionados sobretudo com as revelações sobre o uso sistemático da tortura, dos métodos bárbaros de guerra «total», empregados contra o povo argelino.

A fim de estar à altura das novas possibilidades da situação política, é que nosso partido insistiu na idéia de um acordo entre os partidos de esquerda, com o objetivo de chegar rapidamente à paz, no interesse nacional da França e no interesse do povo da Argélia.